UNIVERSIDADE DO PORTO – U.PORTO
FACULDADE DE LETRAS - FLUP
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS AVANÇADOS SOBRE A UTOPIA

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA DE PÓS-DOUTORAMENTO (2018-2019)

Título: **INÊS & NÓS: LER E DIZER O AMOR DE PEDRO E INÊS NO SÉCULO XXI EM SALAS DE AULA DE PORTUGAL E DO BRASIL**

Autora: **Professora Doutora Valéria Andrade**

Supervisora: **Professora Maria de Fátima de Sousa Bastos Vieira**

Departamento: **Estudos Anglo-Americanos – Letras/FLUP – U.Porto**

Programa de Pós: **Estudos Avançados sobre a Utopia/FLUP – U.Porto**

Grupo de Pesquisa: **CETAPS – (Projeto "Valongo – Cidade Utópica)**

Local: **Porto (Portugal)**

Ano de edição: **2021**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **03**

1. O PROJETO: RESUMO E OBJETIVO **09**

2. ANTECEDENTES E MOTIVAÇÃO **10**

3. A METODOLOGIA **24**

4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS **28**

5. RESULTADOS ALCANÇADOS **31**

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS **67**

BIBLIOGRAFIA **69**

ANEXO **76**

INTRODUÇÃO

No presente Relatório estão descritas as atividades do Estágio de Pós-Doutoramento realizado no âmbito do Programa de Investigação Avançada em Estudos sobre a Utopia/ARUS-Advanced Research in Utopian Studies Postdoc, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto-FLUP, no período de Outubro/2018 a Setembro/2019, a partir da proposta de investigação intitulada **INÊS & NÓS: LER E DIZER O AMOR DE PEDRO E INÊS NO SÉCULO XXI EM SALAS DE AULA DE PORTUGAL E DO BRASIL**, cujo alicerce assenta-se na promoção da experiência de ler percebida como processo de transformação de pessoas e de criação de mundos utópicos possíveis pela mediação das mídias digitais para recontar o amor e a tragédia de Inês de Castro, Rainha de Portugal.

Atualizando processos sociais em que mulheres e homens constroem-se como sujeitos relacionais, **Inês&Nós** desenvolve(u)-se como chamamento a crianças, adolescentes e jovens em contexto educacional a atravessarem a fronteira que separa o ato de não ler do ato de ler-e-escrever – e, neste novo lugar, transformadas/os em *leiautoras/es*, atuarem em ações empreendedoras alinhadas com o desenvolvimento de competências para uma formação ativa, interventiva e criativa para a cidadania, a equidade e o respeito à diferença, pautando-se por garantir-lhes o direito de aprender/ensinar a recriar o mundo e seus modos de estar nele. Assim, **Inês&Nós** inscreve(u)-se como instância criativa em que pessoas comuns – meninas, meninos, adolescentes, jovens, adultos, discentes e docentes –, em contexto formativo-pedagógico, vivendo a "vida real" de desigualdades sociais também na sala de aula, percebe(ra)m-se capazes de construir novos sentidos das relações de gênero, em particular as afetivas, pautadas na equidade e no respeito por si e pelo outro.

Propor e promover condições materiais e imateriais para que, em interlocução mediada pelas novas tecnologias, estudantes portuguesas/es e brasileiras/os (re)leiam e (re)contem a história amorosa de Inês de Castro, é reativar uma chama estético-criativa que vem sendo mantida acesa, há quase sete séculos, pelo imaginário de artistas das mais diversas áreas de reinvenção do mundo, para proclamar a força do amor como potência insubmissa diante de tudo o que maltrata a vida. Em outras palavras, desenvolver atividades de releitura e recontação do amor de Inês e Pedro em salas de aula de Portugal e Brasil é abrir espaço na escola, e ao seu redor, para leitoras/es descobrirem-se poetas

fazendo pequenas revoluções com a força mágica da palavra, pela qual reconstroem o percurso inesiano por caminhos de si; e também, no decurso destas reinvenções dos (des)caminhos do amor, perceberem-se sujeitos, pessoas cidadãs, que trilham, na companhia de Inês, o caminho de volta – seja de vivências, seja de lugares (geográficos ou simbólicos), em que impedimentos da vida possam tê-los exilado. Assim, repatriados, vivem, ainda, a experiência pessoal de tirarem a amada de Pedro dos seus vários exílios, trazendo-a de volta do *reino do não-ser*. E o fazem pela ação da memória e de histórias que se entrelaçam em resistência às grandes narrativas do medo, fundadas na violência e no desrespeito e na violação à vida como frutos da dominação. O poeta moçambicano Mia Couto, em sua fala de abertura do semestre letivo de 2014 na UFRGS, *Guardar memórias, contar histórias e semear o futuro* (COUTO, 2014), remete ao exercício autoral das pequenas histórias como potência utópica de mudanças num "mundo em estado de infância":

> [...] as pequenas histórias podem ser um ponto de partida contra esta grande narrativa que é a narrativa do medo [...] não podemos permitir que nos roubem a autoria da nossa própria história de vida. [...]. A gente pensa que contar histórias é uma competência dos escritores, mas não é. Todos nós somos produtores e produtos de pequenas histórias. Essas histórias devolvem-nos o encantamento da infância, afastam o medo e reiniciam o mundo. E mais do que reiniciar o mundo, elas fazem criar um mundo em estado de infância, quer dizer, um mundo que está ainda nascendo e, por isso, o próprio passado pode estar nascendo mais que tudo.

A par do que também declara o autor de *Terra sonâmbula* (1992) em sua Aula Magna na UFRGS (COUTO, 2014), mesmo acreditando "no poder das histórias", temos clareza de que "elas não salvam o mundo, mas podem incutir o desejo da utopia e do mundo em mudança". Mundo em mudança que, sendo ele mesmo livro, constrói-se tal como se constroem as narrativas, que acontecem num tempo e num espaço pelas ações de seres que têm a capacidade de se perguntarem sobre o sentido de suas existências e de agirem para dar-lhes mais qualidade em todos os aspectos – mundo, portanto, histórico, feito de histórias nascidas da imaginação humana movida pela vontade de transformar o caos em cosmos, a desordem em uma nova ordem.

A formação de uma comunidade leitora construída metodologicamente por uma abordagem inovadora de ensino da literatura – em que, para além do formato presencial aos moldes dos círculos de leitura, promovem-se oficinas criativas mediadas por jogos de

leitura-escrita do mundo que se alternam entre a escola, a tecnologia e a comunidade – compõe nossa proposta de contribuir para redimensionar o conceito de comunidade leitora na contemporaneidade, alargando-a pela inclusão do ato de ler compreendido como o que de fato é, ato dúplice de ler-escrever. Potencializada pelas novas tecnologias, esta comunidade leitora-escritora constrói-se como ponte – em contraponto à ideia de círculo restrito em seu próprio limite –, emergida da transcendência de restrições que outrora seriam impedimentos, tais como as geográficas e as temporais. Nesta espécie de comunidade leitora ubíqua, seus membros podem estar não exercendo seus papéis de leitores-(re)contadores de histórias ao mesmo tempo e ainda assim estarem comunitariamente ligados à volta das narrativas lidas e produzidas, o que significa viver efetivamente em comunidade através da leitura e da escrita de si e do mundo em modo assíncrono. Neste outro formato temos, pois, uma comunidade leitora viva, independentemente de seus membros estarem lendo e ou escrevendo ao mesmo tempo presencialmente reunida num mesmo lugar físico, tendo em vista a acessibilidade comunicativa disponibilizada por diferentes suportes midiáticos para além do papel impresso, veiculado de modo material ou digital.

Portanto, ubíqua e multimidiática, esta nova comunidade leitora em tudo se distancia de outras, inclusive daquela formada em termos abstratos, por leitoras/es, por exemplo, de William Shakespeare, que o têm lido desde o século XVII sem, no entanto, interagirem ativamente entre si e, em sua esmagadora maioria, sem se darem conta da existência uns dos outros. É de se convir que uma tal comunidade leitora, ou mesmo a que se tenta se consolidar no formato do círculo de leitura tradicional, não têm como atender à demanda de um tempo como o nosso, em que as pessoas – sujeitos fragmentados, marcados pelo desejo premente de interação, seja presencial, seja virtual – querem dizer-se minuto a minuto e, ao que parece, por esta razão, assim o fazem pelas várias redes sociais da mídia digital, seja como indivíduos, seja como coletivos sociopolíticos culturais. O desejo de comunicação das pessoas, como bem lembrado por Umberto Eco (ECO, 2014), pode realizar-se, hoje, sem a mediação das editoras, até porque muitas pessoas não querem publicar, mas simplesmente comunicar-se umas com as outras, e o fazem online, seja por e-mail, seja pelas redes sociais. Ubiquidade e multimidialidade conjugam-se, pois, em marcador diferencial na produção e partilha de sentidos de si e do mundo por pessoas congregadas no ato de ler-escrever, formando-se, deste modo, uma comunidade leitora em que as leituras, mesmo sendo feitas em tempos

e locais diferentes, permanecem acessíveis e disponíveis no ciberespaço (LÉVY, 2011) para serem continuadas, ou reiniciadas, a qualquer momento, num processo expandido e continuado de leitura-escrita de livros expansíveis, ou vivos, como podem ser nomeados. Pela utilização de recursos como Facebook, Twitter, WhatsApp, YouTube etc., que viabilizam este tipo de construção atemporal, esta comunidade leitora viva põe em curso uma grande revolução do conceito e de sua prática, pela ruptura das barreiras geográfica, temporal, midiática e identitária, em que a dimensão da interculturalidade entra como terceiro componente que marca sua natureza diferenciada de comunidade leitora no século XXI.

No caso da comunidade leitora-escritora no âmbito do **Inês&Nós**, os processos interculturais efetivados em torno da história real de um feminicídio *avant la lettre*, desenvolveram-se a partir de ações voltadas para a prevenção da violência de gênero, conjugados à implementação de ações na área da formação do leitor, em particular voltadas à leitura literária, enfatizando-se o uso de recursos pedagógicos emprestados de outras expressões artísticas, o teatro em especial. Neste sentido, frente à ineficácia das poucas estratégias e ações governamentais para romper o ciclo da violência de gênero, seja no Brasil, seja em Portugal, como também o da crise do sistema de formação de leitores, sobretudo no Brasil – onde o índice de não leitores chegou a 44% em 2015 (FAILLA, 2016) –, nossa proposta contribui como instância de pesquisa e de aplicação de conhecimento teórico-metodológico capaz de fazer frente a desafios socioculturais de dimensão epidêmica em diferentes graus nos dois países, tais como o feminicídio e o analfabetismo funcional.

Por outro lado, temos clareza de que construir espaços de interlocução ubíqua e multimidiática viabilizados pelo ecossistema digital do século XXI é estar em risco perante o terror que, para além da violência em seu velho formato (de que os crimes de gênero, como feminicídio, estupro, mutilação genital etc., são exemplo eloquente), tem se espalhado pela mídia digital, tornando-a palco de guerras surdas pelo poder, disputadas em meio aos chamados crimes cibernéticos, tais como violação e clonagem de dados pessoais, partilhas não autorizadas de conteúdos íntimos, fake news difamatórias etc. Todavia, ocupar o espaço democrático e escalável do ciberespaço como cenário revisitado do assassinato de Inês de Castro – cometido em meio a intrigas palacianas, conflitos familiares e sucessão do trono português –, isto é, rememorá-lo transmutado em ação de transcendência da morte, de negação da violência e de afirmação da vida, é condenar tal

ambiente a cumprir sua vocação de desfazer fronteiras e interconectar, inclusive em tempo real, as pessoas, o que por si só contraria e afasta qualquer ideia de guerra, terror e de violação à vida.

Ecoamos aqui uma fala do Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação, em referência à idealização da Ponte Pedro e Inês, cuja inauguração em 2006 marcaria definitivamente o simbólico apelo da cidade nas celebrações dos 650 anos da morte de Inês de Castro: "Não foi a história de Pedro e Inês o triunfo do amor sobre a morte? Então porque não pensar que o metal da espada assassina seja condenado a ser convertido no aço da ponte destinada a celebrar o encontro impossível. Seja condenado a unir, não a cortar." (ENCARNAÇÃO, 2006, p. 19). Projetada para ser uma ponte diferente – "uma ponte em que quem nela entra parece condenado a não se encontrar com quem do outro lado vem. A surpresa surge quando os dois tramos confluem num local mágico, a meio do rio" (ENCARNAÇÃO, 2006, p. 19) –, a Ponte Pedro e Inês, projeto de referência para a cidade de Coimbra do século XXI, é, segundo especialistas da engenharia, e também da arquitetura, uma "estrutura revolucionária"[1]. E de fato o é, sobretudo, pela particularidade de sustentar-se sobre vãos assimétricos, que não se encontram no centro – como o casal mais famoso da história portuguesa –, mas viabilizam um espaço, aparentemente suspenso por si, em forma de praça com oito metros de largura, duplicando cada um dos dois passadiços desencontrados. Obra de ruptura conceitual da arquitetura contemporânea em Portugal, a *ponte-praça*, erguida sobre o Rio Mondego com objetivo de garantir a vivência nas duas margens[2], surge como ícone metafórico do espaço comunicacional pensado como utopia possível de construção contínua, "até ao fim do mundo", do encontro amoroso entre pessoas, extensivo a toda forma de vida no planeta, mesmo sob a ameaça também contínua do lado sombrio do humano – suas águas turvas – carente por assenhorar-se do outro e também do mundo.

Por fim, tem-se claro que a semeadura de uma tal utopia, pela recontação do passado, em pequenas histórias(-)presentes da história inesiana, não produzirá frutos meramente por uma circulação massiva na mídia digital, ou seja, em escala mundial e em

[1] Cf. Portal Rota da Bairrada. Disponível em: http://www.rotadabairrada.com/irt/show/ponte-pedro-e-ines_pt_387.

[2] A construção desta ponte pedonal e de ciclovia, oficialmente nomeada Ponte D. Pedro I e D. Inês de Castro, integrou o programa Polis-Viver Coimbra e é considerada o emblema do projeto de requalificação da zona ribeirinha da cidade. Cf. https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=682108.

tempo real. Um milhão de amigos no Facebook, dois milhões de likes no YouTube, ou outros tantos seguidores no Twitter, por exemplo, não são garantia do encontro amoroso real das pessoas. E, é bom que se diga com todas as letras, **Inês&Nós** nem se interessa por tal escalabilidade pensada como resultado concreto de sua ação, até porque, fosse assim e nenhuma inovação estaria sendo proposta. A comunidade leitora viva, ubíqua, multimidiática e de alcance intercultural pretendida em nossa proposta apropria-se desta escalabilidade como meio e não como fim. O seu fim é um processo sem fim de facilitação da habilidade humana de criar mundos, pequenos mundos, de acolhimento e de cuidado do outro e de si, para que os milhões de passantes pelas suas pontes possam, em seus lugares físicos, por meio de contatos presenciais efetivamente afetivos, construir *praças* que sejam locais onde encontros aparentemente impossíveis acontecem, alternando-se a realidade da utopia do amor infinito de Inês e Pedro com a realidade das utopias dos seus próprios amores (McCONIGAL, 2011). Em que pese o fato de que encontros dessa natureza, efetivados como potência de melhorar a si e ao mundo, só possam existir entre poucas pessoas nessas *praças*, posto que demandam a presença corporal e afetiva do dizer e do ouvir (COUTO, 2014), prevalece o fato de que cada um dos passantes pelas pontes da comunidade pode, por ser capaz, de criar *praça*. Uma vez transformado pela experiência afetiva vivenciada na *praça*, o passante sente-se (co)movido a criar outra *praça*, ou seja, a repetir a experiência de ser si-mesmo em versão revisada e expandida e promover o encontro de transformação presencial de outros passantes. Assim o que importa não é a quantidade de pessoas que passam pelas pontes da comunidade e sim a quantidade de *praças* que elas constroem. Com essa prioridade vivenciada no ato de ler o mundo e seus viventes em atitude amorosa, mesmo se muitos forem chamados pelas possibilidades da ubiquidade e da multimidialidade da comunidade e poucos aceitarem o chamamento, esses "poucos" não se perderão no caminho e de fato criarão *praças*. Em outras palavras, contrapõe-se aqui o vazio da ubiquidade em si que proporciona uma experiência superficial ou mesmo falsa de convivência ao poder transformador da leitura na comunidade Inês&Nós que gera comunhão real entre seus participantes.

1. O PROJETO: RESUMO E OBJETIVO

1.1 Resumo

Trata-se de uma pesquisa aplicada tomada como ponto de partida para uma proposta de se redimensionar o conceito de *comunidade leitora* pela inclusão do ato de ler compreendido como ato dúplice de *ler-escrever* e promover um novo espaço para a experiência estética com a literatura. Construída metodologicamente por uma abordagem inovadora de prática de leitura literária, LerAtos (ANDRADE; BARROS, 2018) – em que, para além do formato presencial aos moldes dos círculos de leitura, promovem-se oficinas criativas mediadas por jogos de leitura-escrita do mundo e de si que se alternam entre as realidades presencial e virtual das/os participantes – e potencializada pelas novas mídias digitais, emerge uma *comunidade leitora-escritora ativa*, como ponte erguida por sobre restrições geográficas e temporais, dentre outras, outrora impossíveis de contornar na prática. Como resultado da experiência de leitura e recontação escrita do amor e da tragédia de Inês de Castro por estudantes portuguesas/es e brasileiras/os (do 12º ano do Ensino Secundário e do 1º período do Ensino Superior, respectivamente), realizou-se o *Festival Intercultural de Leituras Inês&Nós*. Neste evento, a partir da interação midiática síncrona e assíncrona entre as/os participantes reunidas/os em duplas luso-brasileiras sob a coordenação de educadoras/es das instituições educacionais envolvidas, articularam-se atividades de educação tutorial com atividades de leitura, de escrita e de circulação de conteúdos multimídia lidos e gravados por leitoras/es conquistadas/os pelas/os estudantes em suas respectivas comunidades, a partir de obras literárias sobre a história de Inês de Castro recriadas em versões individuais produzidas como exercício de leitura-escrita criativa sobre desigualdades de gênero, violência doméstica e feminicídio.

1.2 Objetivo

A proposta guiou-se pelo objetivo de formar uma comunidade leitora *ativa* de obras literárias inspiradas na história do amor de Pedro e Inês de Castro, integrada por discentes e docentes (dos anos finais do ensino secundário e iniciais do superior) em Portugal e no Brasil, visando promover interações criativas do público leitor juvenil com o mito inesiano nos dois países por meio de oficinas de leitura e escrita voltadas para experiências de leituras performatizadas e de transcriação textual do *corpus* literário selecionado, visando à prevenção precoce da violência de gênero mediante a sensibilização e a conscientização de adolescentes e jovens desde a idade escolar para a equidade de gênero e os direitos humanos, em particular os direitos das mulheres.

2. ANTECEDENTES E MOTIVAÇÃO

O que a memória ama fica eterno.
Adélia Prado, *Bagagem*, 2002

[...] a singular aventura de, em pleno século XXI,
transformar em força anímica,
em energia de projeto, em semente de criatividade,
um sentimento tão longinquamente vivido como este,
o que uniu Pedro e Inês.
Isabel Pires de Lima, *Inês: 650 anos*, 2006

Conforme o Estudo Nacional sobre Violência no Namoro de 2018[3], realizado em Portugal pela UMAR-União de Mulheres Alternativa e Resposta[4], 68,5% de jovens, de uma amostra de cerca de 4600 respondentes na faixa etária de 15 anos, que já estiveram numa relação de intimidade, aceita como natural pelo menos uma das formas de comportamento violento no relacionamento. O estudo indica também que 56% dessas/es jovens sofreram atos de vitimação no namoro, sinalizando, em alerta vermelho, para a seriedade deste problema no país e suas repercussões nesta etapa que antecede a vida adulta.

Seja em relação a comportamentos de controle, como por exemplo a proibição de vestir determinadas peças de roupa, seja os relacionados à violência física que deixa feridas ou marcas, como também a cometida nas redes sociais, por exemplo, pela partilha de conteúdos íntimos sem autorização, além de várias outras, os resultados do estudo são alarmantes, tanto na legitimação destes modos de proceder com o outro como forma natural de agir no namoro, quanto na vitimação, sobretudo tendo-se em conta o aumento (mesmo pequeno) destas taxas, em comparação às da edição 2017 do mesmo estudo (FRANCO, 2018).

Outro estudo, realizado entre Abril de 2017 e Janeiro de 2018 entre jovens universitárias/os portuguesas/es na faixa etária média de 23 anos, revelou, entre outros

[3] Cf. http://www.umarfeminismos.org/.

[4] A UMAR é uma associação de mulheres nascida em 1976 da participação das mulheres no 25 de Abril de 1974 e das demandas relacionadas a um espaço associativo de luta por seus direitos naquele novo contexto político. Constituída como ONG, atua a partir de um feminismo comprometido socialmente voltado para despertar a consciência feminista na sociedade portuguesa, mediante a ação colaborativa desenvolvida por diferentes Grupos de Trabalho organizados em várias áreas, entre elas a cultural.

dados preocupantes, que mais de 50% das/os 1833 entrevistadas/os já sofreu violência no namoro e 37% assumiu ter cometido agressão[5]. Promovido pela Associação Plano i[6], no âmbito do Programa UNi+ de Prevenção da Violência no Namoro em Contexto Universitário e financiado pela Secretaria de Estado para a Cidadania e Igualdade, o estudo articula-se ao Observatório da Violência no Namoro, cujos registros de denúncias, num total de 128 no mesmo período, indicam que em 92% dos casos as vítimas são do sexo feminino e em 94% os agressores são do sexo masculino, sendo que uma em cada dez destas vítimas sofreu ameaça de morte.

Para a professora Sofia Neves, coordenadora do UNi+ e do Observatório da Violência no Namoro, estes números são evidências que levam a concluir que futuramente as vítimas destas agressões reportadas estarão claramente em maior risco de serem vítimas de homicídio. Por outro lado, tais dados indiciam a insuficiência do que se tem desenvolvido como estratégias de prevenção em relação à violência no namoro em Portugal. No entender da pesquisadora, as ações de prevenção devem começar o quanto antes, se possível na pré-escola, passando pelas aprendizagens da cidadania, dos direitos humanos e da igualdade em que se incluem a temática da violência de gênero[7].

Os dois estudos confirmam uma realidade preocupante, como também a urgência de se romper o ciclo da violência mediante uma intervenção mais precoce e continuada, frente ao entendimento da violência no namoro como forte precursor da violência doméstica e do feminicídio. Em contextos como o brasileiro – onde duas em cada três brasileiras já sofreram algum tipo de violência no ambiente universitário[8] –, o total de 4.762 vítimas de feminicídio no ano de 2013 (média de 13 mulheres mortas por dia)[9], comparado à ocorrência de 393 destes crimes em Portugal entre 2004 e 2014 (TEIXEIRA,

---

[5] Cf. http://acegis.com/2018/02/14/violencia-no-namoro/.

[6] A Associação Plano i é uma organização sem fins lucrativos voltada para a promoção da igualdade e da inclusão. Cf. http://www.associacaoplanoi.org/inicio/.

[7] Cf. entrevista em áudio divulgado no canal YouTube. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/pais/um-em-cada-dez-estudantes-universitarios-e-agredido-pelo-namoradoa_a1057799. Acesso: 14.02.2018.

[8] Cf. *Violência contra a mulher no ambiente universitário*. Disponível em: http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wp-content/uploads/2015/12/DATAPOPULAR_AVON_violenciauniversitarios2015.pdf. Acesso: 14.02.2018.

[9] Cf. http://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/mapa-da-violencia-2015-politicas-de-prevencao-e-de-enfrentamento-a-cultura-de-violencia-sao-essenciais-para-diminuir-feminicidios-no-pais/. Acesso: 14.02.2018.

2015, p. 16)[10], sugere – guardadas as diferenças de densidade demográfica entre os dois países – uma realidade com traços de ficção distópica, cuja leitura recomenda-se com veemência, no sentido óbvio de gerenciar o presente para evitar os danos e prejuízos letais de um futuro catastrófico em Portugal.

Outras iniciativas de enfrentamento à situação de desigualdades e violência de gênero em Portugal incluem, de um lado, a recentíssima aprovação do plano nacional de ação do governo *Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação 2018-2030 – Portugal+Igual*, em que se definem políticas públicas para os próximos 12 anos no campo da igualdade entre mulheres e homens, da prevenção e combate à violência e discriminação contra mulheres e de gênero[11], como também, de outro lado, produções acadêmicas no campo da pesquisa aplicada em educação, a exemplo da dissertação de mestrado *Igualdade de gênero e prevenção da violência: uma problemática educacional no desenvolvimento local*, de Ana Margarida Teixeira, apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, em 2015.

Desenvolvida nas áreas do Porto e em Matosinhos, no âmbito do projeto *Art'Themis – Jovens Protagonistas na Prevenção e Igualdade de Gênero*, promovido pela UMAR na linha da prevenção primária mediante "ações contínuas e sistemáticas em escolas visando a informação, conscientização e prevenção de comportamentos machistas, sexistas, racistas e homofóbicos em crianças e jovens para que estes/as desenvolvam uma cultura de respeito e igualdade e, consequentemente, prevenir a violência de gênero" (TEIXEIRA, 2015, p. 11), a pesquisa efetuou-se como intervenção em quatro escolas participantes do projeto, durante o ano letivo 2014/2015, em turmas do jardim-de-infância e dos 1º, 2º e 3º ciclos. O engajamento do alunado nas diferentes atividades propostas pela pesquisadora a partir de uma metodologia baseada em procedimentos artísticos utilizados no processo de aprendizagem e compreensão do mundo e das pessoas em suas relações umas com as outras, sinalizou para a necessária

[10] Anote-se que o Relatório preliminar do OMA-UMAR para 2017 registra, neste ano, o menor número de incidência anual de feminicídios em Portugal ao longo de 14 anos (18), desde sua primeira edição em 2004, resultado ainda insuficiente para se afirmar uma tendência, embora condizente com sua diminuição nos últimos três anos. Cf. *Relatório Preliminar (01 de Janeiro a 20 de Novembro de 2017)*. http://www.umarfeminismos.org/images/stories/oma/2017/OMA_Relat%C3%B3rio_Preliminar_20_de_Novembro_de_2017.pdf. Acesso: 14.02.2018.

[11] Cf. Comunicado do Conselho de Ministros de 11 de Janeiro de 2018. *Comunicado do Conselho de Ministros*. Disponível em: https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/comunicado-de-conselho-de-ministros?i=189. Acesso em: 20.01.2018.

continuidade da intervenção e de outras na mesma linha. Tal necessidade foi referida explicitamente pelas/os participantes do projeto, tanto discentes quanto docentes, em suas avaliações qualitativas escritas (TEIXEIRA, 2015, p. 74, 76, 77). Com uma única exceção, estas avaliações foram uníssonas em afirmar o alto rendimento dos resultados do projeto. Em termos quantitativos, o projeto rendeu igualmente bons resultados, registrando uma melhoria de conhecimentos das/os participantes em relação às temáticas trabalhadas, com um aumento de 10% em todas as turmas que responderam questionários anônimos nas sessões de início e de término do projeto (TEIXEIRA, 2015, p. 74).

Para além deste avanço mensurado pelas respostas ao questionário aplicado pela pesquisadora, são de referir outros, de natureza intangível, tais como a vivência de momentos de protagonismo em que crianças e jovens, pela interação com artistas, tornaram-se coautoras/es de produções construídas como instância simbólica de uma determinada realidade. Um destes momentos transcorreu durante três *live painting performances* em que o pintor italiano Francesco Zavattari produziu em tempo real três obras resultantes do debate entre as/os participantes sobre violência de gênero (TEIXEIRA, 2015, p. 70-71), transmutando, pois, uma realidade, proclamada pela voz de quem a vive direta ou indiretamente, em uma outra, ressignificada pelo fazer autoral do artista. Concebida como um tríptico, a obra produzida em três painéis foi chamada de *Não há liberdade sem igualdade*.

Pode-se compreender outras produções estéticas, entre elas a literária, como um processo de transfiguração similar resultante da ressignificação da realidade tal como registrada e proclamada por estudos a exemplo dos mencionados acima acerca da violência contra mulheres em suas várias formas, tais como assassinatos cometidos em relações de intimidade e familiares próximas, os feminicídios. O texto literário, para além de constituir-se uma forma específica de conhecimento, contém um saber cultural que o faz uma experiência única, e ao mesmo tempo partilhada, de escrever e ler o mundo e os seres humanos nele vivendo em interação uns com os outros – uma instância de representações simbólicas de uma sociedade, que vivencia dialeticamente, por meio delas, os valores que possui.

Neste sentido, seria de indagar: terá sido casual que, no início do século XXI, tenha sido publicado em Portugal, num espaço de três anos consecutivos, o primeiro relatório do Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR, em 2004, e, logo a seguir,

em 2005 e 2006, três textos para teatro escritos por três mulheres portuguesas, que narram e põem em cena o assassinato de uma mulher, morta 650 anos antes em Portugal pelas mãos de três homens a mando de um outro, avô de seus quatro filhos? Em *Noites de Inês-Constança* (2005), *Falas da Castro* (in: *Antes que a noite venha*, 2005) e *A Boba: Monólogo em três insônias e um despertador* (2006)[12], suas autoras, Fiama Hasse Pais Brandão, Eduarda Dionísio e Maria Estela Guedes respectivamente, rememoram um feminicídio *avant la lettre* – o de Inês de Castro, Rainha de Portugal –, transmutando, em tempo (quase) real pela palavra estética, híbrida de história e mito, a realidade então recém-proclamada pela UMAR entre 2004 e 2006: 112 feminicídios cometidos em território português.

Para além de um público leitor e ou espectador potencialmente interessado em dialogar com o mundo a sua volta e, mais que isso, em reordená-lo e reconhecer-se nele pela mediação da literatura, uma produção dramatúrgica como a referida acima convida e demanda leituras especializadas que, construídas na interface dos estudos literários com os estudos de gênero, a desvendem como expressão do jogo relacional das tensões entre feminino e masculino emergentes no contexto contemporâneo das concepções e dinâmicas de gênero em Portugal, e também em outros contextos, a exemplo do brasileiro, formulando hipóteses interpretativas à luz do nosso tempo sobre novos significados do amor de Pedro e Inês. Foi este o propósito de fundo do projeto *"Inês é viva!": a paixão amorosa na dramaturgia portuguesa contemporânea de autoria feminina*, que desenvolvi junto ao DLCM-Departamento de Letras Clássicas e Modernas da UALG-Universidade do Algarve (Faro, Portugal), entre Nov./2007 e Fev./2008, como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian[13].

---

[12] Dos três textos, o de Eduarda Dionísio teve sua primeira edição em 1992 e a segunda em 2005.

[13] A pesquisa teve continuidade no Brasil, como se verá adiante, desdobrando-se em novos projetos (um deles atualmente em curso) e avançando na construção de um conhecimento que iniciei há cerca de 25 anos com pesquisas voltadas para o reconhecimento da autoria feminina no campo da dramaturgia de língua portuguesa contemporânea e do passado, articulando os estudos teatrais e os de gênero. Publicações significativas geradas diretamente por *Inês é viva!* incluem os capítulos de livros: [1] Era uma vez Inês: o(s) mito(s) desnudo(s) na dramaturgia portuguesa de autoria feminina (ANDRADE, 2010a; e online na *Revista TriploV*, http://novaserie.revista.triplov.com/numero_10/valeria-andrade/index.html), e [2] Os Outros em nós: um varal para o Burlador de Sevilha (ANDRADE, 2014a). Como resultados indiretos, listam-se os artigos *O teatro feminino-feminista-libertário de Lourdes Ramalho* (2009), *Lourdes Ramalho e o Mito do Conquistador: um experimento em tradução intercultural* (ANDRADE, 2014b) e *Militância sufragista e a peça de conversação no Brasil do século XIX: O Voto Feminino, de Josefina Álvares de Azevedo* (2010), publicados, respectivamente, nas revistas científicas *Faces de Eva* (Universidade Nova de Lisboa, Portugal), *Cerrados* (Universidade de Brasília, Brasil) e *Sociopoética* (Universidade Federal de Campina Grande, Brasil).

Destinado a investigar a natureza da experiência da paixão amorosa e seus vários sentidos em relação aos diferentes modos de ser-mulher e ser-homem a partir do estudo da dramaturgia de autoras portuguesas que reescreveram a narrativa do "amor até ao fim do mundo" na passagem do século XX para o XXI, *Inês é viva!* reverberou, no seu contexto de execução, o interesse autoral em propor e construir novos sentidos do mito inesiano pela mediação do texto dramatúrgico, como também o interesse institucional formalizado pelo apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, mediante o que prolongava-se o período das Comemorações dos 650 Anos da Morte de Inês de Castro, decorridas oficialmente entre janeiro de 2005 e janeiro de 2006, por um prazo estimado de pelo menos dez meses a mais.

Pouco depois, cerca de três anos, *Inês é viva!* iria reverberar também no Nordeste brasileiro, quando apresentei a primeira versão do projeto de pesquisa *Dramaturgia contemporânea de autoria feminina no Nordeste do Brasil e em Portugal: diálogos interculturais*, na Mesa "Dramaturgia de Autoria Feminina" (ANDRADE, 2011), no *XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura, V Seminário Internacional Mulher e Literatura* (UnB). Iniciado formalmente em 2014 junto ao PPGLI-Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB-Universidade Estadual da Paraíba (Campina Grande, Brasil), o projeto, atualmente em curso, surgiu do interesse pela pesquisa no campo da interculturalidade e da intermidialidade a partir da escrita dramatúrgica contemporânea de mulheres em dois contextos da lusofonia, o brasileiro e o português. Em torno desta produção tenho exercido a maior parte das minhas atividades de docência, de pesquisa e de extensão mais recentes, como adiante indico. Com foco na produção de duas dramaturgas brasileiras – Lourdes Ramalho e Aninha Franco – e duas portuguesas – Eduarda Dionísio e Maria Estela Guedes –, o projeto tem como corpus de análise um conjunto de quatro monólogos, escritos, respectivamente, por cada uma destas autoras: *Guiomar filha da mãe* (2003), *Três mulheres e Aparecida* (2000), *Falas da Castro* (2005) e *A Boba: monólogo em três insônias e um despertador* (2006) – e, como objetivo, conhecer e reconhecer fronteiras onde novas relações e identidades de gênero, surgidas nos contextos contemporâneos brasileiro e no português, transitam e são negociadas num processo de reconfiguração do modelo sociocultural mediterrâneo. Fundante das relações de gênero no Brasil e em Portugal, este modelo é atravessado, de um lado, pela hegemonia do masculino e, de outro, pela força do feminino herdada das avós ibéricas (GROSSI, 2004).

As sete mulheres protagonistas destes monólogos – [1] Guiomar, ex-professora de história e sem-teto; [2] Aparecida, uma mendiga catadora de lixo e três mulheres igualmente descentradas na linha de formação da nação brasileira: uma portuguesa explorada: Maria Pureza, [4] uma tupinambá desterrada: Jacapu Coema e [5] uma africana escravizada: Luedji; [6] Castro, uma mulher perdida, em sua ancestralidade lusitana, de si mesma e do lugar social de rainha venerada; e [7] Maria Miguéis, uma anã portuguesa, boba de corte medieval – compartilham suas vozes femininas, diferentes e periféricas, com outros *eus* de distintos contextos espaciotemporais na construção de versões alternativas da história oficial de suas nações, seja recompondo o caldeirão étnico-cultural em que se formou a identidade brasileira, seja transmutando o mito estruturante da cultura portuguesa.

Se Guiomar e Aparecida o fazem enquanto perambulam na rua, por entre o lixo urbano e as sobras do que elas próprias foram um dia (RAMALHO, 2011; FRANCO, 2006) – e isso as irmana para além da nacionalidade –, Castro e Miguéis revelam, inequivocamente, sua pertença a esta irmandade nada gloriosa, para além da outra, nascida historicamente entre as duas nações. Hospedada num sítio da WEB, a anã medieval, em repouso na lixeira de um computador gigante, sai dela aos trambolhões para declarar-se, a quem lhe queira ouvir no século XXI, testemunha auditivo-ocular e, mais que isso, mentora dos eventos que culminaram no assassínio da Castro pelos conselheiros de Afonso IV (GUEDES, 2006). Renascida na pele de outra mulher quase sete séculos depois, a eterna amada de Pedro, presa no espelho de seu toucador ao fim de mais uma jornada noturna, luta ante a imagens estilhaçadas de rainha-morta e de uma "estranha mulher", nas quais já não se reconhece e, sepultada por si mesma nesse espelho-vitral de memórias, com "o colo ainda branco", esvai-se na claridade mítica do *nada que é tudo*: "Sou eu a transbordar. Não me vejo de tanta luz que há" (DIONÍSIO, 2005, p. 55). Migrantes espaciotemporais, híbridas de identidade e alteridade, estas sete mulheres, múltiplas na impermanência do lugar que ocupam ao assimilarem o projeto contemporâneo da reciclagem, propõem, cada uma em sua ronda discursiva particular, uma nova ordem, regida pela mistura e pelo princípio de *pensar pela diferença* (BRAIDOTTI, 1997 apud MACEDO; AMARAL, 2005).

Ao apontar para o entrecruzamento de vários e diferentes *eus* surgidos na cena dramatúrgica dos dois lados do Atlântico e, portanto, para o reconhecimento de similitudes, simultaneidades e diferenças entre as nações brasileira e portuguesa,

irmanadas historicamente em língua e cultura, estas investigações buscam responder, em parte, a demandas de pesquisa do *"Inês é viva!"*, algumas das quais anunciadas em projetos anteriores, a exemplo da problematização das formas híbridas do texto teatral contemporâneo tal como incidem na produção dramatúrgica de Lourdes Ramalho (ANDRADE, 2012). Em torno desta dramaturga e sua obra, desenvolvi o projeto de pesquisa-ensino *Lourdes Ramalho e o teatro na Paraíba na segunda metade do século XX: representações e possibilidades de leitura*[14], junto ao PPGL-Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa, Brasil), entre 2003 e 2006. Com a proposta de levar o texto dramatúrgico para fora do edifício teatral, sobretudo pela mediação editorial[15], mas também pela formação de uma comunidade leitora da obra da autora em espaços alternativos[16], a pesquisa sobre a dramaturgia desta autora revelaria, no diálogo em sala de aula com alunas/os pós-graduandas/os, uma crescente incursão de autoras no universo da dramaturgia produzida na região nos vinte anos finais do século XX, ampliando significativamente o território estético-cultural nacional (ANDRADE, 2010b). Rever o percurso histórico do teatro e da dramaturgia em Portugal, conforme proposto em *Inês é viva!*, acabara por desvelar um movimento bastante similar no país, onde, no final da década de 1980, uma profunda mutação na cena teatral faz eclodir novos processos de *escrita de teatro*, voltados para a hibridização e epicização da forma teatral, contribuindo para negar a subalternização do feminino

---

[14] O projeto teve o apoio institucional e financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do programa de bolsas de Desenvolvimento Científico Regional (DCR).

[15] Em termos editoriais, o projeto resultou nas seguintes publicações individuais e em coautoria: [1] *Por uma militância teatral: estudos de dramaturgia brasileira do século XX* (2007) e [2] *Dramaturgia fora da estante* (2005), ambas organizadas em parceria com Diógenes Maciel; os volumes: [1] *Lourdes Ramalho: 2 textos para ler e/ou montar* (2005), [2] *Teatro [quase completo] de Lourdes Ramalho – Vol. I: Teatro em cordel* (2011a), [3] *Teatro [quase completo] de Lourdes Ramalho – Vol. II: Mulheres* (2011b), organizados com Diógenes Maciel; e [4] *Maria Roupa de Palha e outros textos para crianças* (2008), organizado com Ana Marinho Lúcio. Em forma de artigos em coletâneas e periódicos estão: [1] "O teatro feminino-feminista-libertário de Lourdes Ramalho" (com Diógenes Maciel e Liane Schneider; *Revista Faces de Eva*, Lisboa, 2009), [2] "Lourdes Ramalho: viver e fazer viver a vida e o teatro", in *A feira/O trovador encantado* (Lourdes Ramalho, 2011b), [3] "Os outros em nós: um varal para O Burlador de Sevilha", in *Memórias da Borborema 3: feminismo, estudos de gênero e homoerotismo - Abralic* (org. Antonio de Pádua Silva, 2014), [4] "Lourdes Ramalho e o Mito do Conquistador: um experimento em tradução intercultural" (*Revista Cerrados*, Brasília, 2014).

[16] Numa versão precursora da pesquisa aplicada aqui relatada, e que remete ao encontro entre pessoas, como também entre as pessoas e os livros, as ações de incentivo à leitura dos textos dramatúrgicos da autora realizaram-se mediante atividades de leitura que coordenei junto a uma comunidade rural no município de Conde-PB, onde um grupo de agricultoras motivou-se para participar de oficinas de leitura literária oralizada coletiva e atividades de recepção de espetáculos produzidos a partir de textos teatrais da autora, apresentados dentro e fora da sala de teatro.

vigente até então naquele cenário e afirmando em contraponto, e de uma vez por todas, sua expressiva atuação no país desde os inícios do século XX (ANDRADE, 2010a).

A esta revelação, antevista durante a preparação para a travessia do Atlântico em busca das dramaturgas portuguesas ao final de 2007 – inspirada na fartura de referências ao universo cultural ibérico da dramaturgia de Lourdes Ramalho –, somar-se-iam outras ao cruzar o oceano de volta nos inícios de 2008. Neste percurso inverso, aportaria em terras brasileiras uma Inês ainda mais viva e ávida por interlocuções que a desvelassem no contexto brasileiro para além do provérbio popular que a nomeia como morta e, dialeticamente, a faz luminosa no "reino do ser" (TORRANO, 1995, p. 30) para tantos que a evocam e assimilam o significado de seu *exemplum* (BRITO, 2006) mesmo sem (re)conhecer nela a personagem de um enredo mítico, radicado na história e na cultura portuguesas, mas entranhado nas relações afetivas de ontem e de hoje, de lá, de cá e de qualquer lugar.

Transmutada pelo "humor surrealizante" (VASQUES, 2006, p. 5) característico da obra de Maria Estela Guedes, a figura histórico-mítica de Inês de Castro é revisitada em *A Boba* pela voz marginal de uma anã, Maria Miguéis, que em monólogo compósito de várias vozes autorais[17], desafia a solidez do reino-do-amor-até-ao-fim-do-mundo, sobretudo ao aludir à face dionisíaca de Inês de Castro, despindo-a da veste apolínea de cordeira sacrificada, mas também ao desvestir, com despudor, as figuras masculinas da história inesiana, pondo em xeque o feitio arcaico de seu figurino patriarcal (ANDRADE, 2010a). Desembarcando no século XXI, a anômala criatura encarregada de incitar o riso na corte afonsina, assimila a fobia contemporânea por territórios muito demarcados, reiterando, nos desnudamentos que promove, o caráter plural e móvel de vivenciar o feminino e o masculino em nosso tempo.

Não por acaso Miguéis encontra na protagonista de *Guiomar filha da mãe* uma interlocutora à altura de suas transgressões discursivas destinadas a produzir uma versão alternativa do amor de Pedro e Inês. A ex-professora de História, desabrigada e perdida entre os destroços de sua própria história, revive, numa espécie de demência ou transtorno mental, seu ofício de narrar o passado, elaborando – do seu lugar duplamente periférico,

[17] De Fernão Lopes a Agustina Bessa Luís, passando por Garcia de Resende, Camões e António Ferreira, entre outros, estas vozes compõem a ação dramática de *A Boba*, que pretendendo ser fala monologada institui-se como um mosaico de falas emitidas de vários momentos históricos sobre Inês de Castro (ANDRADE, 2010a).

de mulher e pária social – uma versão contra-hegemônica da nacionalidade brasileira. Com linguajar desabrido e quase tão despudorado como de Miguéis, Guiomar fala dos homens e de suas sexualidades, desconfiando de suas *machezas* e referindo-se, por exemplo, ao uso abusivo do plástico na vida das pessoas, de utilidades domésticas a partes do corpo de mulheres e de homens também, em alusão às possibilidades de performance e construção identitária de sujeitos femininos e masculinos. Replicada no próprio ser de Guiomar, esta alusão é explícita ao final da ação dramática quando ela se mostra a criatura desdobrável, ou, se diria também, performática, que é: a Professora se transmuta no Poeta, como aliás acontecera a sua mãe vinte anos antes[18]. O óbvio da mudança do sexo biológico, somado a marcas da linhagem de poetas a que pertence a autora[19], se conjuga a um complexo entendimento de marcas de gênero traduzidas nesta mutação: símbolo do transe e da loucura, o Poeta é parte da mesma desordem instaurada pela Professora, cuja postura dá existência a um ser-mulher que rompe com a ordem do feminino dócil, frágil e obediente – impróprio, portanto, à ordem hegemônica do masculino (ANDRADE, SCHNEIDER, MACIEL, 2011; ANDRADE, 2012).

Marcada pela obsessão declarada de desestabilizar o universo mítico-histórico habitado pela Castro e, de resto, qualificar-se como sujeito histórico, a anã, agigantada como mentora da tragédia inesiana, reconhece nova oportunidade de interlocução com outra personagem do universo ramalhiano, talvez a mais marcante do cordel dramático *Romance do Conquistador* (1991): uma terceira Guiomar[20] que, como suas homônimas, passa por curiosa mutação. Objeto de desejo de um vendedor de folhetos de cordel em sua forçada migração pelo sertão brasileiro – João, o conquistador do título, em versão nordestinizada do sedutor hispânico do século XVII –, "a pecadora Guiomar" (RAMALHO, 2011a, p. 75), surgida de início disfarçada na pele de três mulheres beatas, ao final revela-se encarnação tríplice do Diabo, de quem o *don juan* dos trópicos recebe

[18] A protagonista de *Guiomar filha da mãe* apresenta-se logo no início da ação dramática dizendo "Boa noite! / Sou Guiomar – professora / filha da outra Guiomar, / que andava por paus e pedras / sem sorrir e sem chorar!" (RAMALHO, 2011b, p. 114). Guiomar-mãe é a protagonista do monólogo escrito por Lourdes Ramalho no início da década de 1980, estreado como espetáculo em 1982; cf. ANDRADE, SCHNEIDER, MACIEL, 2011b.

[19] A mutação dialoga explicitamente com o arcabouço cultural da família Nunes como reminiscência da herança advinda dos poetas Agostinho Nunes da Costa, considerado o pai da poesia sertaneja nordestina, e Hugolino Nunes da Costa, seu filho e bisavô da dramaturga; cf. ANDRADE, 2012.

[20] Esta recorrência do nome Guiomar na onomástica da dramaturga faz ecoar outra, registrada em várias gerações de mulheres da família Nunes, cristãs-novas cuja prática criptografada do Judaísmo não as livrou de sofrerem processos pela Inquisição, tendo sido uma delas queimada em Portugal em 1731; cf. RAMALHO, 2002.

dupla punição: arder no fogo do inferno, como no original ibérico, tendo antes a genitália arrancada, como demanda a versão brasileira do século XX:

> Inocência O Fute, o Cão, o Capeta
> vieram pra te levar!
> [...]
> Inocência Vai ter os olhos furados!
> Decência As pernas vou te quebrar!
> Previdência O coração espetado
> e a bimba vou te arrancar!"
> (RAMALHO, 2011a, p. 77).

Numa linha similar, Miguéis chama em sua cena, híbrida de medieval e *high tech*, um ser-masculino disforme, violento e agressivo, porém fragilizado e vulnerável pela própria covardia: "Édipo enviesado, meu cobarde! Não tiveste colhões para cravar o punhal no peito do teu filho, tiveste de mandar os esbirros feri-lo, matando a minha Inês de Castro!" (GUEDES, 2006, p. 19). E tal qual a endiabrada Guiomar, não se furta a narrar, com todas as letras, o castigo dado por D. Pedro a seu escudeiro Afonso Madeira, em praça pública, em forma de mutilação genital. Por outro lado, apresentando também um modelo alternativo de masculinidade pautado na expressão do afeto e das emoções, entre elas o medo, a figura de Pedro em seus contornos mítico-históricos, se oferece como ruptura possível da ordem hegemônica do masculino a partir de um ser-homem que se constrói no cruzamento de duas formas de amar: a romântica, em que o amador se entrega ao outro sem reservas e até à morte, e a confluente, em que o par, e não apenas uma de suas partes, se responsabiliza por sustentar a relação amorosa (GIDDENS, 1993).

Do seu lugar de "artista da palavra" (GUEDES, 2006, p. 27), a quem todo verbo é permitido pelo ofício de divertir rainhas, reis e sua corte, a Boba, símbolo da liberdade de expressão, associa-se, em sua anomalia, à Professora demente e ao Poeta louco ensaiando respostas ao desassossego de mulheres e homens postos em pedaços pelo hibridismo voraz de um mundo tornado lugar de trânsito e de fronteiras muito móveis. Um mundo feito de tanto *eu* e tantos *outros*, pensado, pois, como lugar do jogo, em que o diferente, o movimento e a necessidade de negociação instituem o "como se fosse" do teatro e da "vida real", em sucessivas performances, mediante as quais as relações re/fazem-se não apenas pelo conflito mas também pela troca (ANDRADE, 2012).

No decurso da celebração do 650º aniversário de morte de D. Pedro, decorridas entre 2017 e 2018, a permanência do reinado simbólico de Inês reivindicaria de todas/os

nós, “seus Pedros metafóricos” (ROSA, 2006, p. 81) dar seguimento às trilhas de pesquisa abertas por *Inês é viva!*, seja pela oportunidade de interação com o momento histórico de rememorar aquele cujas ações pós-tragédia seriam o mote da eternização inesiana, seja ainda pelo imperativo demandado pela vivência cotidiana – tantas vezes, e de tantas formas, violenta – de mulheres e homens em seus modos de se construírem sujeitos de feminilidades e masculinidades e, assim constituídos, de estabelecerem relações entre si, afetivas ou não, perpassadas ou não pela sexualidade.

Tendo em conta as hipóteses interpretativas em torno de instâncias de atuação simbólica do mito inesiano na negociação identitária do feminino e do masculino no contexto sociocultural português em diálogo com o que se configura no Nordeste brasileiro mediante análises da produção dramatúrgica das autoras citadas (ANDRADE, 2010a; 2014)[21], optou-se, na sequência, por uma proposta que atravessasse os limites da pesquisa bibliográfica e, via processos inovadores do ensino de literatura em escolas de Portugal e Brasil, contribuísse para integrar o conhecimento construído sobre os novos sentidos da história de Inês de Castro, promovendo a experiência de transformar leitoras/es de textos literários de temática inesiana em autoras/es de produções textuais multimodais, dando-lhes a oportunidade de se apropriarem dos múltiplos sentidos que a história do “amor até ao fim do mundo” de Pedro e Inês continua a evocar quase sete séculos depois. A partir destes novos sentidos construídos, o esperado é que as/os participantes possam sensibilizar-se para relações afetivas saudáveis pautadas na equidade de gênero, de direitos, no respeito por si mesmo e pelas outras pessoas.

Em outras palavras, se poetas do século XXI desafiam a finitude de sua própria chama criativa reacendendo-a, dia a dia, na faísca de um sentimento amoroso historicamente vivido que resiste intacto à passagem do tempo, justo é promover espaços de socialização e de formação do ser humano onde aquela chama, que habita o humano, encontre condições favoráveis para acender-se luminosa também em crianças e adolescentes – pessoas comuns em idade escolar – que vivem a “vida real” da desigualdade de gênero na sala de aula, ainda hoje, e nela têm a chance, e devem ter o direito, de aprender a recriar o mundo e seus modos de estar nele (ANDRADE, 2010b), como aliás defende o grupo de teatro inglês Royal Shakespeare Company: crianças

[21] Tal diálogo tem avançado em outras discussões mais recentes empreendidas no âmbito de disciplinas ministradas por mim no PPGLI-Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade/UEPB e POSLE-Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino/UFCG.

também têm o direito de conhecer Shakespeare, como os adultos, para transformar suas vidas (SÁ, 2014).

Por e para isso, elegeu-se o contexto escolar como espaço de sociabilidade de grande proveito para a aplicação de uma abordagem de ensino-aprendizagem inovadora em que os atos de ler e escrever são concebidos e experimentados como práticas sociais vivas e renovadas pelo fazer dos sujeitos em múltiplas interações com o outro, com o mundo e com si mesmos.

De uma perspectiva em que o conceito de texto se amplia para além das fronteiras do verbal e da escrita impressa, gráfica e convencional do código linguístico, toma-se leitura no contexto das práticas comunicativas que, produzidas socialmente, envolvem uma diversidade notável de agentes (ou atores, isto é, que realizam uma ação) que se relacionam mutuamente em incessante e transformadora troca de informações e de representações culturais acerca do(s) (seus) mundo(s). O ato de ler, portanto, é entendido como um processo ou "exercício de alteridade", na expressão de Silviano Santiago (BRUM, 2010), em que cada *self* torna-se ponte para chegar ao outro, mediado por um todo significativo simbolicamente tecido que deve ser compreendido e interpretado, resultando em uma nova realidade simbólica una e significativa, ou seja, um novo texto, que será, por sua vez, igualmente decodificado, compreendido e ressignificado, dando existência a um novo texto e assim indefinidamente.

Tomando o ato de ler como uma prática social processual de interação entre quatro instâncias: [1] quem escreve o texto, [2] o texto propriamente dito em sua materialidade simbólica construída por palavras, imagens, sons, cores, formas, gestos, movimentos, etc., [3] quem lê o texto e [4] o contexto onde é produzido e depois interpretado o texto, chegamos ao entendimento de que todo/a leitor/a é também autor/a, como também, como nos ensina o autor de *O conto da ilha desconhecida*, de que "não nos vemos se não nos saímos de nós" (SARAMAGO, 1998, p. 41), ou seja, o ato de ler é um diálogo com o outro e com o mundo. No caso da leitura literária, este diálogo do/a leitor/a com o/a autor/a leva-o/a a criar junto com a/o autor/. Isto é, leva-o/a a também dizer o mundo (re)construído pela palavra. Isso não apenas o/a torna também autor/a, agora de uma determinada imagem do real – criada a partir da leitura que dele fez –, como também o/a move em direção ao *outro* e seu outro mundo. Neste movimento para longe de si, para entrar num mundo que não é o seu, é que o/a leitor/a, paradoxalmente, mais se aproxima

de si próprio/a, como também mais se apropria deste mundo do *outro*, tornando-se sensível às relações entre aquilo que está lendo e a possibilidade de transformação, tanto da sua realidade mais imediata, como da realidade do mundo em termos mais amplos e também da sua realidade interior.

Desenvolvidas regularmente no contexto da vivência pedagógica escolar, práticas de leitura e escrita criativas experimentadas como processos interativos e performatizados em que, pela mobilização corpórea a partir de efeitos disparados pelo texto em contato com o imaginário do/a leitor/a (DINIZ, 2017; KEFALÁS, 2012), se atribui a este/a, além da interlocução, a coautoria na ação criativa de reordenação do mundo – podem contribuir para o engajamento de estudantes e educadoras/es em comunidades confrontadas com complexas e urgentes tarefas tais como o enfrentamento à violência contra a mulher, cujas primeiras expressões acontecem no ambiente escolar (ANDRADE, 2010b).

3. A METODOLOGIA

As atividades do **Inês&Nós** foram desenvolvidas em duas frentes de ação: [1] planejamento, preparação, realização, análise, avaliação e validação das atividades realizadas nas oficinas de leitura e escrita criativas baseadas nas práticas de leitura individual e compartilhada, de transcriação textual e de empreendedorismo social em parceria com professoras/es e pesquisadoras/es da área de ensino da língua portuguesa e de literatura nos dois países; [2] sistematização do material produzido durante estas atividades para a elaboração de textos crítico-interpretativos, seguida da organização de um volume a publicar.

No eixo [1], em termos de realização das oficinas, utilizamos como ferramenta metodológica o *LerAtos*, abordagem de ensino-aprendizagem baseada na criação de *jogos sérios de realidade alternada*, em que se combinam atividades de educação tutorial com atividades de leitura performática e de escrita de conteúdos multimídia sobre um desafio social ou ambiental (BARROS; ANDRADE, 2018). Esta metodologia *LerAtos* visa empoderar docentes e discentes de uma escola a realizar um projeto individual ou coletivo para superar um grande desafio – enfrentamento da violência contra as mulheres e do analfabetismo funcional, como é o caso do **Inês&Nós**, na experiência que aqui relatamos – na comunidade onde vivem, usando princípios do pensamento utópico para construir novos mundos (MORE, 1985), no decorrer do qual vivem uma jornada de herói (CAMPBELL, 1949) que provoca impactos em sua cultura por meio de uma experiência de jogo (HUIZINGA, 1955). O pensamento utópico fundamenta a metodologia e, por extensão, o jogo **Inês&Nós** no sentido de levar as/os jogadoras/es a transformar sua atitude em relação ao future, dando-lhes uma nova perspectiva otimizada, ficcional ou real, baseada em sua investigação sobre um problema em relação ao qual desejam criar um novo mundo (mundo utópico) onde este seja solucionado. Além de técnicas convencionais de gamificação que funcionam na forma de aplicativos e redes sociais usados pelos estudantes em seus aparelhos celulares e tablets, **Inês&Nós** oferece um sistema de informação na Web que permite a docentes, atuando como tutores de alunas/os jogadoras/es, criar, lançar e gerenciar missões georeferenciadas no mundo real para que estas/es empreendam, individualmente ou em grupos, aprendendo e praticando sobre utopia, gestão do conhecimento, engajamento de multidões (*crowdsourcing*) e feira cultural.

A dinâmica das experiências de leitura-escrita criativa em realidade alternada para a criação de novos mundos no âmbito do **Inês&Nós** é vivenciada por um grupo de discentes e pelo menos um/a docente, através de 5 etapas ou missões (5 níveis de dificuldade e de maturidade) em 3 palcos: a escola (missões 1, 2 e 3), o ciberespaço (missão 4) e a comunidade (missão 5).

A missão 1 é denominada *Sonhação*. Nela, a/o docente traz um mundo utópico criado por ela/e, como forma de apresentar à turma de estudantes uma obra literária sobre a história de Inês e Pedro (obra-semente), pela mediação de produções artístico-culturais em diferentes suportes com potencial para estimulá-las/os a sonharem sobre o tema da partida – o amor que transcende até a morte e move uma pessoa que ama a fazer coisas que parecem impossíveis. O objetivo é criar nas/os jogadoras/es uma inspiração de encantamento, um ideário épico, que as/os levará à criação de um esboço de uma nova obra literária, usando suas habilidades para representar o mundo utópico relativo ao tema violência contra a mulher e o cuidado de si e do outro. Cada participante registra seu sonho de mundo utópico no espaço designado no aplicativo gamificado do **Inês&Nós**, usando linguagem de texto escrito.

A missão 2 é a *Imersão*. É neste momento em que os/as jogadoras/es fazem a leitura individual da obra-semente e mergulham intimamente no mundo construído por quem o escreveu. Neste mergulho, devem identificar as distopias e as utopias presentes e escolher aquelas que querem reduzir ou amplificar na sua construção de um novo mundo utópico. Cada jogador/a enriquece a descrição do seu sonho de mundo utópico, com base nas descobertas feitas nos relatos e sonhos da/o autor/a da obra-semente e seus personagens, e registra sua segunda versão de representação desse mundo utópico no aplicativo.

Na missão 3, a *Criação*, as/os jogadoras/es usam sua presença, seu corpo em suas dimensões sensoriais, criativas e psicomotoras e, principalmente a fala e a escrita, para reinventar uma nova expressão do tema e da história, criando uma representação personalizada da obra-semente, que é uma nova obra de sua autoria, produzida em forma narrativa, poética ou musical, segundo indicação da/o docente. A nova obra narra uma nova história de Inês e Pedro, na qual os valores culturais, éticos, morais, intelectuais, políticos e econômicos envolvidos são influenciados pelo poder do amor infinito do mito inesiano, para representar um novo mundo, um mundo utópico, que o/a jogador/a deseja

e que, se tiver coragem, vai empreender para construí-lo, no mundo real, nas missões 4 e 5 do jogo.

A missão 4, a *Comunicação*, acontece em ambiente virtual (Quinta Digital do Amor Infinito), construída como uma adaptação da plataforma *LerAtos*, configurada como uma feira cultural, onde todos as/os jogadoras/es criam um empreendimento utópico em forma de uma rede social personalizada para dizer o amor em ressignificação dos modos de ver e de ser-mulher e ser-homem, o que se estende em relação à percepção e à conscientização sobre pessoas vivendo em condições de vulnerabilidade social, tais como mulheres e homens, independente da faixa etária, vítimas de violência de gênero. Nesse empreendimento no ciberespaço, as/os jogadoras/es compartilham, por meios digitais, suas versões da história de Inês e o Amor Infinito, em forma de obras que representam seus mundos utópicos. Elas/es também usam as ferramentas de comunicação da rede social para gerenciar os acessos das/os beneficiárias/os, leitoras/es de sua obra e os valores tangíveis e intangíveis que oferecem na obra disponibilizada em seu empreendimento.

A missão 5, *Construção de Mundo Utópico*, é realizada na comunidade onde as/os jogadoras/es vivem ou em uma comunidade que ela/e escolhe para nela provocar uma mudança. Cada jogador/a interage com o máximo possível de pessoas dessa comunidade para conquistar leitoras/es que sejam transformadas/os, por essa leitura, em parceiras/os voluntárias/os do seu empreendimento utópico de construção de um novo mundo utópico. Uma vez transformadas/os pela leitura e pelo amor demonstrado, inequivocamente, pelas/os jogadoras/es, por meio do seu sonho de mundo utópico, estas/es leitoras/es podem oferecer vários bens de valores intangíveis e tangíveis, para construir o novo mundo utópico projetado pelo jogador e mostrado direta ou indiretamente pela sua obra inesiana. Esses bens são de valores diferentes gerados pelas diferentes reações da/o leitor, maiores ou menores, dependendo do tipo de reação da/o leitor/a. Os valores são representados simbolicamente por uma quantidade de Declarações Utópicas de Amor Infinito (DUAI's). Todas as informações geradas na experiência vivida e todos os bens culturais (textos multimodais) e seus respectivos valores gerados nas 5 missões (DUAI's), são registrados, em modos síncrono e assíncrono, na Quinta Digital do Amor Infinito.

Após a realização da missão 5, as/os jogadoras/es voltam à escola onde assumem o papel de educadoras/es e começam uma nova partida do **Inês&Nós**, criando um novo ciclo das 5 missões, agora usando os seus mundos virtuais como energia para promover

a leitura de outras obras inesianas que promovem o amor infinito.

No tocante ao corpus bibliográfico utilizado nas oficinas de leitura, o título selecionado como obra-semente foi o poema em cordel *A história de Inês de Castro ou A Dama Lourinha que, depois de morta, virou rainha* (SOMBRA, 2011). Por tratar-se de produção literária brasileira herdeira de uma tradição portuguesa reinventada por poetas populares da região Nordeste do Brasil, o poema de Fábio Sombra impôs-se como obra paradigmática do diálogo intercultural entre dois países cuja herança cultural inclui tanto o mito inesiano quanto a poesia de cordel. Outras obras, em diferentes suportes, direta ou indiretamente relacionadas à experiência amorosa tal como vivida por Pedro e Inês, também compuseram o corpus das oficinas, tais como obras textuais audiovisuais disponibilizadas em canais do YouTube (apresentações musicais e de dança de artistas como Salvador Sobral, Fernando Duarte, Solange Melo, Caetano Veloso, Chitãozinho e Xororó, Maestro João Carlos Martins, Gilberto Gil) e obras textuais impressas, como poemas, romances, contos e dramas de autoras/es como Ana Luísa Amaral, Roger Melo, Luís Rosa, António Ferreira.

Quanto à atividade indicada no segundo eixo, ou seja, a organização do livro a publicar com os resultados da experiência, guiou-nos a ideia de compor um volume destinado a promover a interlocução o mais amplamente possível com profissionais da educação básica e docentes em exercício e em formação nas áreas de Letras, História, Artes e afins, em Portugal e no Brasil, mediante as discussões crítico-interpretativas sobre as relações entre a escola e a literatura, em particular a de temática inesiana, geradas pela pesquisa. Neste sentido, o livro se aproxima, de forma inovadora, da proposta de "manual", por conter também uma seção com propostas de oficinas de leitura e escrita criativas desenvolvidas a partir das atividades realizadas. De outro lado, constituído também como instância autoral compartilhada, o livro incorpora a proposta de antologia, ou mesmo de uma espécie de "mini galeria de arte impressa", pois conter um pequeno acervo de obras multimodais produzidas durante a experiência, escolhidas a partir de procedimentos lúdicos específicos adotados no decorrer da missão 4 referida acima.

4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Orientando-nos pelo Plano de Trabalho proposto para a investigação aqui relatada, foram desenvolvidas as seguintes atividades:

- Planejamento e preparação de atividades das oficinas de leitura e escrita criativas fundamentadas na metodologia *LerAtos*.
- *Workshop* com professoras/es parceiras/os de Valongo (Portugal) e professores egressos da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)/Campus Sumé (Brasil) sobre inovação metodológica e tecnologia para a promoção de práticas de leitura e escrita criativas e de prevenção da violência contra mulheres.
- Reuniões (presenciais e via Internet) de planejamento de atividades do **Inês&Nós** na Escola Secundária do Agrupamento de Escolas de Valongo e na Unidade Acadêmica de Educação do Campo (UAEDUC) da UFCG em Sumé.
- Reuniões (presenciais e via Internet) de acompanhamento de atividades do **Inês&Nós** na Escola Secundária do Agrupamento de Escolas de Valongo e na Unidade Acadêmica de Educação do Campo (UAEDUC) da UFCG em Sumé.
- Participação em debate sobre Violência no Namoro, na Escola Secundária de Valongo, organizado pela professora parceira do **Inês&Nós**.
- Participação em debate sobre Violência no Namoro no Instituto Universitário da Maia-ISMAI (Maia, Porto), organizado pelo UNi+ Programa de Prevenção da Violência no Namoro em Contexto Universitário.
- Participação no 45º Programa do Movimento Poético de Pinhel na Rádio Elmo de Pinhel, em entrevista sobre impactos e alcance do projeto **Inês&Nós**, além das perspectivas de parceria entre a FLUP, a UFCG e a Câmara Municipal de Pinhel para sua realização no município.
- Coordenação e realização de oficinas de leitura e escrita criativas nos municípios de Valongo e de Sumé, mediadas por experiências gamificadas de leitura-escrita do mundo, em que se incluíram ações de empreendedorismo social promovidas como uma feira cultural, o Festival Intercultural de Leituras Inês&Nós.

  Na metodologia *LerAtos*, as oficinas realizam-se em 3 Palcos, em realidade alternada, como descritas nos roteiros em texto e em infográfico a seguir:

1. **Palco 1: Escola** – Neste palco, estudantes portuguesas/es e brasileiras/os leram a história do Amor infinito de Pedro e Inês, apresentada em uma obra-semente indicada pela/o docente e criaram suas próprias versões da história em forma de miniconto. As/os estudantes tornaram-se assim **lei(au)toras/es** de um mundo utópico possível. Obs.: além da obra-semente, foram lidos outros textos inesianos, conforme referido acima, como também foram produzidas outras versões anteriores às que fizeram parte do Festival de Leituras Inês&Nós.

2. **Palco 2: Cyberespaço (Quinta Digital do Amor Infinito)** – Concluídas as oficinas de leitura-escrita, as/os **lei(au)toras/es**, supervisionadas/os pela/o docente de cada grupo, enviaram suas obras para a plataforma www.inesenos.org. Após validadas pela/o docente, estas obras foram publicadas na página do Facebook integrada à plataforma www.inesenos.org. Nesta página, além dos minicontos em versão escrita, foram também publicadas suas respectivas versões oralizadas em leitura performática e gravadas em áudio por **lei(a)toras/es** conquistados pelas duplas em suas respectivas comunidades no decorrer do Festival de Leituras Inês&Nós.

3. **Palco 3**: **Comunidades** – As duplas luso-brasileiras, utilizando seus talentos relacionais, no Brasil e em Portugal, partiram para o desafio de conquistar **Lei(a)toras/es**; as/os que aceitaram o convite, fizeram a leitura expressiva dos minicontos, gravando-os em áudio e enviando-os para a Quinta Digital do Amor Infinito no sítio www.inesenos.org, estabelecendo-se assim o Festival de Leituras Inês&Nós, organizado de acordo com as seguintes regras e pontuação:

    1. As duplas são formadas necessariamente por um/a participante brasileira/o e um/a participante português/a.

    2. A leitura expressiva de um/a leiator/a brasileiro/a de um texto escrito por um/a integrante português/a vale 10 UDLs (**Utopian Declaration of Love**).

3. A leitura expressiva de um/a leiator/a português/a de um texto escrito por um/a integrante brasileiro/a vale 10 UDLs.

4. Leitura expressiva de um/a leiator/a brasileiro/a de um texto escrito por um/a integrante brasileiro/a vale 5 UDLs.

5. Leitura expressiva de um/a leiator/a português/a de um texto escrito por um/a integrante português/a vale 5 UDLs.

6. Todas as leituras devem ser gravadas em áudio com boa qualidade. Para isso a leitura deve ser feita em lugar silencioso e o dispositivo de gravação (telefone celular ou gravador) deve estar perto do leitor.

7. O arquivo da gravação do áudio deve ser enviado para a plataforma Inês&Nós para validação pela Comissão do Jogo.

8. São premiadas as 3 duplas que conquistarem maior número de UDL's.

A Festa de Premiação do Festival Inês&Nós aconteceu de forma síncrona em tempo real na Escola Secundária de Valongo e na Unidade Acadêmica de Educação do Campo/UFCG, Campus de Sumé, compartilhada por vídeochamada de WhatsApp, sendo entregues prêmios às duplas e homenagens a todas/os as/os participantes, discentes e docentes, em forma de livros, ecobags e bottons.

- Análise do repertório de obras textuais multimodais produzidas pelas/os estudantes participantes e dos processos de criação vivenciados por eles e pelos professores, para construção dos modelos de oficinas a serem incluídos no livro manual.
- Reuniões de planejamento com professoras/es do Agrupamento de Escolas de Pinhel (Portugal) para a realização de atividades do **Inês&Nós** no âmbito da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC) em interação com o componente curricular Cidadania e Desenvolvimento.
- Realização e coordenação de atividades de elaboração e organização do livro a ser publicado.
- Reuniões de concepção e planejamento de um programa de pós-graduação no CDSA/UFCG em parceria com o CETAPS/FLUP.

5. RESULTADOS ALCANÇADOS

Conforme descritas neste Relatório, as atividades desenvolvidas ao longo do estágio pós-doutoral realizado no âmbito do ARUS/CETAPS/FLUP compõem um quadro de resultados que evidenciam o alcance da pesquisa em relação aos objetivos propostos e seus benefícios para a UFCG, os quais se indicam a seguir:

5.1 **Ampliação de acervo bibliográfico**

A aquisição pessoal de livros para uso nas atividades de Pesquisa, Ensino e Extensão na UFCG, em particular no contexto da Licenciatura em Educação do Campo, no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, campus Sumé representa uma ampliação considerável da biblioteca física da pesquisadora, em particular no que se refere a títulos literários e teórico-críticos relacionados à temática inesiana.

5.2 **Parceria UFCG-Câmara Municipal de Valongo**

Integrado às investigações do Programa ARUS-Advanced Research in Utopian Studies postdoc do CETAPS/FLUP, o projeto **Inês&Nós** foi executado como um dos Eixos de Intervenção do Projeto Valongo, Cidade Utópica/Utopia500, desenvolvido por este centro de pesquisa no âmbito do protocolo entre a Câmara Municipal de Valongo, a Faculdade de Letras da U. Porto e o Agrupamento de Escolas durante o ano letivo 2018-2019, contribuindo assim para a ampliação e o fortalecimento do convênio existente entre a Universidade Federal de Campina Grande e a Universidade do Porto.

5.3 **UFCG na programação do Movimento Poético de Pinhel pela Rádio Elmo**

A emissão ao vivo pela Rádio Elmo do 45º Programa do Movimento Poético de Pinhel, no dia 06 de Junho/2019, seu abriu importante espaço público de divulgação do Projeto **Inês&Nós** junto à comunidade do Concelho de Pinhel, sobretudo quanto à sua dinamização em espaços escolares de lusofonia, a exemplo do Agrupamento de Escolas de Pinhel, e também, em decorrência de movimentos como este, quanto à expansão das redes de interculturalidade que o fundamentam e, por extensão, das ações de internacionalização promovidas presentemente pela UFCG. O programa, conduzido pelo presidente do Movimento Poético de Pinhel, o poeta Inácio Correia, e por uma de suas integrantes, a poeta Salete Pinto, motivou-nos o diálogo acerca dos objetivos do projeto, suas origens, suas ações já realizadas e em curso, no Brasil e em Portugal, e sobretudo

seus impactos, gerados até o momento e os previstos para o futuro, junto às comunidades, em particular aos seus jovens. O conteúdo do Programa está disponível em https://soundcloud.com/movimentopoeticopinhel e também nos anexos deste Relatório.

5.4 **Parceria UFCG-Agrupamento de Escolas de Pinhel**

A despeito do impedimento formal, pela UFCG, de prorrogar o pós-doutorado pelo período de 6 meses – indicativo das fragilidades administrativas e legais da Instituição e atitudinais do seu corpo de administração superior, nomeadamente devido a erros processuais, que terminaram por gerar prejuízos individuais e institucionais –, vislumbra-se a ampliação do Convênio entre a UFCG e a U.PORTO no que se refere à expansão do Projeto Valongo, Cidade Utópica/Utopia500, referido acima, com vistas a integrar os Municípios de Pinhel, em Portugal, e de Sumé, no Brasil, como Cidades Utópicas parceiras do CETAPS/FLUP, sempre em parceria com pesquisadores do CDSA e do CEEI envolvidos neste estágio pós-doutoral. Neste sentido, registre-se a intervenção em curso, desde o início do ano letivo 2019-2020, das atividades do jogo Inês&Nós em Pinhel, mantendo-se a proposta de diálogo intercultural com estudantes brasileiras/os da Unidade de Educação Acadêmica da UFCG. O roteiro destas atividades em execução está disponível como anexo deste Relatório.

5.5 **Parceria UFCG-FLUP**

A realização do estágio de pós-doutoramento aqui relatado amplia parcerias de pesquisa e extensão em desenvolvimento entre a UFCG e a FLUP relacionadas a projetos como AquaGuardians e CineAtos, articulando experimentos de inovação na área da formação do leitor, do empreendedorismo social e dos estudos sobre a Utopia que vêm sendo desenvolvidos desde 2016 no âmbito da UFCG-Universidade Federal de Campina Grande, junto ao Laboratório de Linguagens e Códigos, da UAEDUC-Unidade Acadêmica de Educação do Campo, do CDSA-Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, em parceria com o Atelier de Computação e Cultura, da UASC-Unidade Acadêmica de Sistemas e Computação, do CEEI-Centro de Engenharia Elétrica e Informática, e com o CETAPS-Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, da FLUP-Faculdade de Letras da Universidade do Porto, mediante a abordagem de ensino-aprendizagem gamificada *LerAtos/ReadAct* (BARROS; ANDRADE, 2017; ANDRADE; BARROS, 2018). **Inês&Nós** desenvolveu-se, portanto, no âmbito do ARUS-Advanced Research in Utopian Studies, do CETAPS/FLUP, em interlocução com

ações de extensão promovidas por este centro em parceria com o Agrupamento de Escolas de Valongo, como os Seminários *Utopia500*, organizados como parte das comemorações dos 500 anos da publicação de *Utopia*, de Thomas More, em um dos quais, *We are all active citizens*, foram apresentados jogos sérios construídos no contexto da parceria referida acima (https://www.utopia500.net/seminarios). No tocante à produção intelectual, a publicação de paper sobre o experimento inaugural do Inês&Nós nos *Proceedings of the 9th International Conference on Computer Supported Education CSEDU2019* dá continuidade também à colaboração autoral e de publicação de artigos e capítulos de livro em parceria (BARROS et al., 2016 AQUAGUARDIANS: Um jogo sério em realidade alternativa de engajamento da população no cuidado com a água; BARROS; ANDRADE et al., 2017, AquaGuardians - A Tutorial-based Education Game for Population Engagement in Water Management; BARROS; ANDRADE et al., 2018, ReadAct-Alternative Reality, Serious Games for Reading-Acting to Engage Population and Schools on Social Challenges; ANDRADE; BARROS et al., 2019, Ines&Us: Endless Love Alternate Reality Game to Build Utopic New Worlds).

5.6 **Parceria entre UAEDUC/CDSA e UASC/CEEI da UFCG**

Esse estágio de pós-doutorado expandiu a parceria iniciada entre a **UAEDUC-CDSA** e a **UASC-CEEI**, da **UFCG** no desenvolvimento do Projeto Educar Para Não Faltar, financiado pela CAPES e pela ANA, com a coordenação geral do Professor Irivaldo José da Silva e com coordenações técnicas adjuntas do professor Marcelo Alves de Barros coordenador do Atelier de Computação e Cultura, da UASC, e da professora Valéria Andrade, coordenadora do NEXT, da UAEDUC. Além de integrar os Grupos PET Computação e PET Gestão Pública e de gerar o jogo sério em realidade alternada AquaGuardians, o estágio consolidou o grupo de pesquisa interdisciplinar entre as duas unidades e levou o CDSA e a UAEDUC a atuarem efetivamente nesse grupo em atuar em âmbito internacional, expandindo projetos colaborativos de pesquisa, de ensino e de extensão já existentes entre a UFCG e a Universidade do Porto, por meio do Atelier de Computação e Cultura do CEEI. Para além da integração dos grupos PET e dos pesquisadores do CDSA envolvidos no projeto AquaGuardians, este grupo de Pesquisa se consolidou no caminhar de vários projetos conjuntos do CDSA e do CEEI, de ensino, extensão e pesquisa, tais como o Projetos Solo Amigo coordenado pela Professora Adriana Meira, do CDSA, e os projetos Jose&José, FelizCidade, MeuVivoMuseu, MinhaÁrvore, todos com a coordenação nas áreas de linguagens e literatura da professora

Valéria Andrade. Neste este estágio de Pós-doutorado realizado na FLUP, por meio desta parceria, foram realizados os projetos do jogo Inês&Nós, do Audiolivro Interativo Minha Voz de Inês, Plataforma Tecnológica www.inesenos.org, instanciação do modelo de gamificação LerAtos para o IN, proposta de linha de pesquisa em nível de Mestrado e publicações importantes.

5.7 **UFCG em Intervenção Valongo**

Inserido, como já citado, na proposta do CETAPS/FLUP para o ano letivo 2018-2019 como um dos Eixos de Intervenção do Projeto Valongo, Cidade Utópica/Utopia500, **Inês&Nós** foi executado como estágio pós-doutoral formalizado institucionalmente no contexto do Plano de Capacitação Docente da UAEDUC/CDSA/UFCG, com impactos diretos na abertura de rotas para internacionalização de propostas em curso no CDSA/UFCG e para o intercâmbio estudantil. Ao amplificar ações extensionistas da UFCG desenvolvidas na rede do ensino básico em Sumé, em particular mediante ações do projeto *Práticas de Linguagem: Leitura e Escrita Criativas* (Laboratório de Linguagens e Códigos, LECAMPO/UAEDUC), **Inês&Nós** contribuiu de forma a viabilizar o ingresso destas ações no contexto das dinâmicas e movimentos interculturais, promovidos por este experimento de construção de uma comunidade leitora viva realizado num espaço escolar de interlocução entre valonguenses e sumeenses.

Em Valongo, **Inês&Nós** foi desenvolvido na Escola Secundária do município, pela professora Lurdes Ferreira, da área de Língua Portuguesa, em uma turma do 12º ano, no ano letivo 2018-2019. Além de minicontos, de autoria individual, as/os estudantes produziram outras obras (poemas e narrativa dialogada) em coautoria, tais como as que reescrevem poemas da poeta portuguesa Ana Luísa Amaral sobre Inês de Castro, escritas a quatro e a oito mãos[22], além de uma outra, mais extensa, produzida colaborativamente por todo o grupo – que seguem transcritas abaixo.

Desta produção singular, o repertório dos minicontos foi a matéria textual utilizada na missão 5 da metodologia *LerAtos* (*Construção do Mundo Utópico*), efetivada no Festival Intercultural de Leituras Inês&Nós, cuja dinâmica, explicitada acima, resultou na composição de um acervo digital com cerca de 200 registros em áudio das leituras

[22] Estas foram organizadas pela Professora Lurdes Ferreira em forma de livro, dedicado à poeta Ana Luísa Amaral, a quem foi entregue pessoalmente um exemplar, durante sua visita à Escola Secundária de Valongo no dia 13/03/2019. Este material, de que faz parte também um CD, com gravações audiovisuais de leituras performáticas realizadas pelas/os estudantes, encontra-se nos anexos deste Relatório.

oralizadas expressivas gravadas por leitoras/es brasileiras/os e portuguesas/es a convite das/os estudantes participantes do **Inês&Nós**. Este acervo, disponível na plataforma www.inesenos.org, constitui a primeira versão de audiolivro digital interativo intitulado *Minha Voz de Inês*, objeto de pesquisa de mestrado do professor Rafael Barros de Sousa[23], integrada às várias ações da atividade acadêmica que desenvolvo no CDSA, tais como colaboração no PPGLI/UEPB. Em anexo, encontra-se também o infográfico do roteiro das atividades do **Inês&Nós** desenvolvidas em Valongo e em Sumé.

MINICONTOS – INÊS E PEDRO

1. O belo e jovem Pedro fazia voluntariado num lar de idosos. Um dia, foi designado para cuidar de Inês, uma velha frágil e debilitada, mas rabugenta, que se julgava muito independente. Semanas se passaram e Pedro anuncia ao João que começou a amar a senhora e este ridicularizou-o por causa da avançada idade de Inês. Ia Pedro feliz cuidar de sua amada quando o pior acontece: Inês estava deitada no chão. Toca-lhe… a sua pele está gelada e, ao lado, uma carta de agradecimento. De Pedro ouve-se um choro angustiante e gritos de desespero que, reza a lenda, ecoam até hoje nas ruínas daquele lar.

   [Autoria: **Gonçalo Silva**]

2. O conto começa quando Afonso obriga Pedro a casar com Constança, que tinha idade para ser mãe dele. Repugnado, este aceita, na esperança de aprender algo com ela. A senhora era acompanhada por uma profissional, Inês, e mal os olhares dos dois se cruzaram, apaixonaram-se. Ele estava disposto a sacrificar tudo para ter Inês, mesmo que significasse assassinar alguém. Assim, os dois imaginaram o "acidente" perfeito. Após o trabalho realizado, ambos sabiam que não iam escapar impunes, por isso Inês decide arcar com as culpas, sendo condenada à pena de morte, acabando por deixar Pedro só e destroçado.

   [Autoria: **Pedro Alves**]

3. Duas famílias distintas com estatutos socias diferentes, mas nada os impediria de amar. Pedro era o típico menino rico e arrogante que tudo tinha a seus pés enquanto Inês era a pobre agricultora que trabalhava muito para ajudar os pais. O que a um faltava, ao outro sobejava! Durante anos, os Castro trabalharam para a família de Pedro e, quando Inês atingiu a maioridade, continuou o legado. Eles nunca se tinham visto, até que um dia Inês entra de rompante no quarto de Pedro e encontra-o em roupa interior. Ela, tímida, pede imensas desculpas, já ele apenas sorri. Pedro sente-se atraído pela inocência de Inês e a conquista difícil é um desafio. Cresce um romance em segredo e Pedro, levado pela rebeldia de contrariar o pai, casa com a rapariga. Afonso IV ameaça anular o contrato. Pedro

[23] A versão preliminar da dissertação do mestrando intitula-se *O despertar de novos leitores pela mediação do mito de Inês de Castro em folhetos, de cordel para escutar: encantamento tecnológico e diálogo intercultural*.

confronta-o e seu pai, sem medir consequências, pega na arma e, com um tiro certeiro, faz a bala atravessar o coração de Inês.

[Autoria: **Bruna Marujo**]

4. É na grande cidade do Porto que os dois se cruzam, pela primeira vez, sem saber o que o futuro lhes reservara. A beleza de Inês passaria despercebida a todos, mas Pedro achou-a inigualável. Para a cortejar, corre atrás da moça e apresenta-se. Inês ignora-o completamente, porém este insiste e, vencida pelo cansaço, ela cede. Inês revela que ia entregar uma missiva ao castelo. Pedro insiste em acompanhá-la e pergunta-lhe o assunto da missiva. A rapariga confessa não conhecer o conteúdo desta missiva. Levados pela curiosidade estes abrem-na e, aterrorizados, percebem que não podem fugir ao destino que os cruzou naquela rua do Porto…

   [Autoria: **Maria João Alves**]

5. Com a morte da esposa e três filhos para educar, Pedro viu-se forçado pela falta de tempo a contratar uma jovem ama de nome Inês, pela qual se encantou desde o primeiro dia. Era uma mulher carinhosa e cuidada, pelo menos era o que Pedro julgava, e não foram precisos muitos meses para que os dois se enamorassem, o que encaminhou novamente o homem ao altar. Tudo parecia decorrer normalmente, mas o que Pedro e a sua família desconheciam era que Inês não o amava verdadeiramente, o que esta amava de facto era a sua conta bancária. Até que, certa noite, movida pela ganância e pelo pecado da avareza, Inês assassina brutalmente Pedro e atira o seu corpo ao rio. Ainda hoje, os familiares de Pedro desconhecem a causa do seu desaparecimento, visto que o corpo nunca foi encontrado e permanecem numa angústia constante. Já Inês viaja pelo mundo a aproveitar e ostentar tudo o que herdou.

   [Autoria: **Jacinta Sousa**]

6. Viram-se pela primeira vez no café onde Inês trabalhava e, por ironia do destino, o dono do café era o pai de Pedro. Afonso considerava Inês uma das suas piores empregadas, era bastante desleixada e ninguém no trabalho gostava dela. Quando Pedro entrou no café e viu aquela linda jovem, apaixonou-se. O mesmo aconteceu com Inês, foi um amor a primeira vista. Afonso nunca se importaria que o seu filho se envolve-se com uma das outras empregadas mas não com Inês. Ao descobrir que os dois namoravam, ficou bastante furioso. Essa fúria era tanta que no trabalho Inês era vítima de violência. Um dia, as agressões tiveram um desfecho trágico: Inês morreu. A notícia da morte da amada enfureceu Pedro, mas toda a raiva desapareceu quando espetou uma faca no peito de Afonso e o viu cair morto no chão. Aquele jovem rapaz estava agora sem ninguém e, num ato súbito de desespero, suicidou-se.

   [Autoria: **Mafalda Loureiro**]

7. Deambulava Pedro pela cidade quando, de repente, embateu contra uma jovem rapariga, Inês. Após o choque, o amor instalou-se. Um dia, Inês decidiu apresentar Pedro a seus pais. O pai, Afonso, não gostou nada do rapaz, tendo-lhe exigido que o deixasse. Irritada, Inês abandona a família e vai viver com Pedro. Os dois mudam-se para uma cidade vizinha. Numa sociedade nova, o casal refaz a sua vida e constrói uma família feliz.

[Autoria: **José Nunes**]

8. Permitam-me elucidar-vos sobre a história de Inês de Castro. Tudo começa quando D. Pedro casa com D. Constança, que era horrenda, mas este ama Inês de Castro. Que ultraje! Ela não é realeza! O povo não queria, o rei não queria! Mas Constança morre e Pedro, solteiro, é livre. Ora, o rei, farto de tantos netos bastardos, manda exterminar Inês. Ela morre e Pedro faz birra. Parte muita coisa, persegue assassinos e mata um. Depois, mais calmo, desenterra Inês e coroa-a rainha. Finalmente manda fazer uns túmulos todos chiques e morre para lhes dar uso. Fim.

   [Autoria: **Rui Torres**]

9. Agora é tarde, Inês está grávida! Inês é uma jovem princesa, filha de El-Rei Afonso IV e órfã de mãe. Um dia, ainda pequena, deambulando pelos corredores do palácio conheceu aquele que lhe traria a sua desgraça, de seu nome Pedro. Pedro é filho da aia mais fiel da família real, D. Beatriz, e de um camponês, que havia falecido. Depois deste encontro, nada foi o mesmo. O tempo passava e as crianças tornaram-se jovens adultos, os sentimentos nutridos aumentaram e mais difícil era esconder este ardente e jovem amor. Mas D. Afonso era, e sempre foi, contra tal relacionamento e, para este não avançar mais, combinou uma aliança entre Inês e um jovem príncipe. Inês enfureceu-se com a notícia e confrontou seu pai, ameaçando não casar com ninguém! D. Afonso não gostou da atitude da rapariga e proibiu-a de ver o seu amado. Revoltada com tal demanda, Inês confessa ao pai que Pedro, além do coração, lhe roubou a castidade e que carregava um filho dele. Impiedoso, El-Rei expulsa Inês e Pedro do palácio. E a pobre da rapariga, num casebre deu à luz, tal como a Virgem Maria nos deu Jesus.

   [Autoria: **Catarina Vale**]

10. Esta é a história da sedutora e do galanteado, que perdura na memória do povo. Inês encontrava-se na loja Ousadia a provar diversos vestidos ousados, captando olhares masculinos, quando surge um jovem empregado para assisti-la. A atração instala-se e combinam um almoço. Já no MacDonald, ela surpreende-o ao pedir uma salada, cujas folhas verdes retalhadas se prendem nos seus dentes amarelos e fascinam o Pedro. Outros encontros se seguiram! Mas tudo mudou… Inês despertou paixão no velho avarento que, por acaso era o dono da loja Ousadia e pai de Pedro. O velho invejava o filho e, tendo conhecimento daqueles encontros, jurou vingança. Então, convida o filho para jantar e na comida mistura um veneno eficaz. Sem avisar o pai, Pedro faz-se acompanhar por Inês e é esta que, sem saber, ocupa o lugar reservado ao amado. O velho mantém-se em silêncio, observando-os. De repente, a meio do jantar Inês empalidece e morre. Pedro vê horrorizado o sorriso do velho e, num ato impensado, espeta uma faca no peito do pai, que acaba por se engasgar com o próprio sangue e morre. Pedro esconde os corpos e segue a sua vida à procura de uma nova Inês.

    [Autoria: **Beatriz Silva**]

POEMAS – INÊS EM NÓS

1. Senhores:
   Inês é velha

E os meus joanetes não me deixam caçar,
Mas é assim o amor.

Têm patas macias,
Os cavalos,
Ou então era o chão que, de tão arenoso,
Amaciava o eco dos cascos e do passo
Mas isto Inês nem ouve.

O meu desejo agora
É aquela fantasia peregrina dos joelhos
Que outrora eram delícias,
Mas que agora
Uma artrose tornou tão reticentes.
E esta visão,
Será um pequeno meteoro em implosão,
Na penumbra serena.
Talvez assim tivesse algum
Sentido
A génese do amor.

[Autoria: **Gonçalo Silva** e **José Nunes**]

2. Senhores:
Quero dizer-vos hoje,
neste tempo tão obscuro,
Não fui só voz:
fui eu, dona de mim,

Talvez assim tivesse algum
sentido
A minha voz rasgando as pedras do palácio
E alguém a cantá-la
para sempre

Dessa música em voz
amores maiores haviam de nascer
Mas eu, nas letras que compus,
inventei a ausência como mais ninguém.

Ausência demorada nestas linhas
que, em compasso,
dividem o céu e
o mar.

Mas o meu desejo agora
é arrancar corações
Um acto inútil? Talvez,
mas o que é útil?

é assim o amor

um vulcão de luz
e assombro em que o excesso
de sentir
se dilui.

[Autoria: **Beatriz Silva, Bruna Marujo, Jacinta Sousa** e **Mafalda Loureiro**]

3. Olhavam o teto da cripta
enquanto mineralizavam lado a lado.
Uma realização se dá,
E Pedro fica petrificado

Este, ultrajado, fica boquiaberto
por estar morto decerto.
E enquanto pó e nada se instalam
as suas cavidades oculares se arregalam.

Poderia ela ter fugido ao destino,
aquele fatal e final?
Poderia ele ter impedido
os golpes do punhal?

Como poderia tal ser?
Amor tão profundo
Amor de morrer
Não o impediram de ser defunto.

Irrefutável fim, agora vês
o amor mata e agora sois
Pedro e Inês,
toda a eternidade depois.

[Autoria: **Pedro Alves** e **Rui Torres**]

4. É tarde. Inês é velha.
Salão largo iluminado a velas
E em certos tons, iguais,
Olhavam o Tejo

(**Aparte de Pedro**)
Inês vive comigo
Há anos tantos e acordar a seu lado
É pouco, porque a palavra rasa
O que a pele descobriu.
Talvez assim tivesse algum sentido,
A génese do amor.

(**Aparte de Inês**)
Quero dizer-vos hoje,
Fui eu, dona de mim.
As letras me foram, e o amor…
Mas eu, nas letras que compus,

Eu inventei a ausência como mais ninguém.
Eu fui a mão da ausência.

E a conversa era água,
E a língua que falavam,
Era feita de música macia.

“Mulher, o javali é duro”
“Só para isso me valeu viver”
“O lume é necessário.
Tu perdeste aquela forma ardente
De temperar os grelhados!”

Mas isto Inês nem ouve,
E come, em sossego,
Uma papa de aveia.
Estavam ali,
Como as pedras agrestes do palácio:
Cascos duros e frios.
Mas é assim o amor.

[Autoria: **Catarina Vale** e **Maria João Aves**]

NARRATIVA DIALOGADA – “UM DIÁLOGO IMPROVÁVEL”

Hoje será um dia importante e talvez seja por isso que as flores e a erva parecem mais vivas e o ar se encontre tão perfumado como nunca. Eu e minha irmã de alma partiremos ao encontro de um amor já há muito prometido a Constança. Buscou-nos uma carruagem e seguimos caminho em direção ao nosso destino fatal.

Eu, D. Pedro I, o grande rei de Portugal e filho de Afonso IV, sempre fui um homem de paixões ardentes e de uma raiva incontrolável.

Eu sou Inês, Inês de Castro. Todos conhecem o desfecho da minha história, mas os meus verdadeiros interesses permanecem ocultos.

Estive casado com Constança, mulher pela qual não nutria qualquer tipo de sentimento, apenas sabia que tinha de desposar devido aos interesses do meu país. Apesar de não a amar, nem tudo foi mal, uma vez que com Constança veio uma dama de companhia, Inês de Castro.

Nasci na Galiza, mas fui viver para Portugal após a morte da minha mãe. Quando cheguei àquele país, a minha beleza extraordinária encantou toda a gente. Mas houve algo que também me impressionou. Foi um amor à primeira vista. Aquele jovem belo, garboso era Pedro. Tinha uma beleza de outro mundo.

Ela incendiava o meu coração sem descanso, queimando as minhas entranhas com essa louca paixão. Pois, nesse tempo, eu era... feliz, mas depois daquele dia trágico em que tiraram da minha vida a minha amante...

Lembro-me como se fosse hoje do dia em que o vi pela primeira vez. Era formoso, louçã, moreno, barbudo e olhos castanhos amendoados. Estava perdida

nos seus traços quando nos apresentaram e nesse instante, percebi que aquela seria a minha desgraça pois, entre tantos cavaleiros, foi Pedro, filho de El'Rei já comprometido matrimonialmente com a minha irmã de alma, que havia atraído a minha atenção. Lembro-me ainda do nosso primeiro beijo, desde o furor da sensação de me sentir desejada ao sentimento de arrependimento e traição para com Constança.

O meu pai, movido pela covardia e pensamentos absurdos envolvendo política e os irmãos de Inês, ordenou a sua cruel morte. Durante uns tempos fiquei com extrema raiva dele, até que a minha mãe me conseguiu acalmar.

Como uma flor colhida precocemente pelas mãos "lascivas" de uma menina para colocá-la numa coroa de flores, assim estou eu, Inês, sem perfume e sem cor.

Eu não consigo viver em paz, o meu coração clama por vingança e o resto do meu corpo obedece. Pareço um ser irracional, movido apenas por uma fúria imparável em busca dos carrascos e só descansarei após os capturar.

Arrependo-me de ter corrido para os teus braços, em vez de ter fugido para bem longe. Mas, se coisa boa me trouxeste, foi a sensação de ser mãe e faria tudo de novo para reviver esses momentos com os meus filhos, que eram o meu sonho mais profundo e, agora só nesses mesmos sonhos eu os posso encontrar.

Não sairão impunes. Prendam-lhes as mãos com a mais forte corda! Preparem-nos para a execução! Descosam-lhes as costelas e abduzam o coração! Seguro agora um coração que não bate, um coração como o meu. Há sangue no chão. Encaro a poça e ela reflete-me Inês, morta. Não poderá isto ser um crime, poderá? O monstro revela-se enfim. Fui eu que a matei. Seguro o meu próprio coração e ganhei a mim mesmo.

A minha tristeza é tão profunda. Choro pelos filhos que deixei para trás. Todo o meu sangue derramado, no único local amado, manchou a paisagem bela das margens do Mondego.

Minha rainha, juntar-me-ei ao sono pálido, sonharemos para sempre. Vinde bestial empalador, vede o vermelho em minhas mãos, poupa-me deste sofrimento da forma que achares mais justa ou cruel, à tua pujante silhueta me submeto. Inês, é só mais um instante!

[Autoria colaborativa: **Alunas/os do 12º CT3**]

Seguem abaixo algumas imagens representativas das experiências vivenciadas em Valongo no decorrer de diferentes etapas do Projeto.

Estudantes em leituras nas Oficinas de leitura-escrita em Valongo – Escola Secundária de Valongo

Oficinas de leitura-escrita em Valongo (Portugal) – Escola Secundária de Valongo

Encontro com a poetisa Ana Luísa Amaral em Valongo (Portugal) – Escola Secundária de Valongo

Oficinas de leitura-escrita em Valongo (Portugal) – Escola Secundária de Valongo

5.8 **UFCG em Intervenção Sumé**

Formalizada institucionalmente no contexto do Plano de Capacitação da UAEDUC/CDSA/UFCG, como referido acima, a pesquisa de pós-doutoramento descrita neste Relatório, para além dos resultados indicados acima (item 6.7), promovendo a inserção do Campus Sumé/UFCG no circuito das parcerias institucionais já existentes entre a UFCG e o CETAPS/FLUP, aponta para ações colaborativas voltadas para a criação de um programa de Mestrado interdisciplinar e interinstitucional entre o CDSA/UFCG e o CETAPS/FLUP, na área de Linguagens e Códigos descrito na seção seguinte.

Em Sumé, as atividades do projeto **Inês&Nós** desenvolveram-se no âmbito do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da UFCG, nos semestres

letivos 2018.1 e 2019.1, em uma turma de estudantes da área de Linguagens e Códigos recém-ingressadas/os no ensino superior. As obras, produzidas individualmente por estas/es educadoras/es em formação em forma de minicontos e poemas foram, num segundo momento, performatizados oralmente e gravados em áudio por brasileiras/os e portuguesas/es participantes do Festival Intercultural de Leituras Inês&Nós. Este repertório, que transcrevemos abaixo em sua versão textual, está acessível também, em formato digital na plataforma www.inesenos.org. Neste suporte, como referido antes, tal produção constitui a versão 1.0 do audiolivro digital interativo *Minha Voz de Inês* – Volume I.

MINICONTOS e POEMAS – INÊS E PEDRO

1. UMA HISTÓRIA DE PEDRO E INÊS

   Num reino tão, tão distante, quem dava a palavra era Dom Afonso, que preparava seu filho Pedro para fazer o mesmo. Assim, num acordo de paz entre dois reinos, Dom Afonso casa seu filho com a princesa Constança. Pedro era um grande caçador, não pensava no reino e sim na sua felicidade. Quando a carruagem de Castela chegou, Pedro saiu correndo para ver sua princesa, mas ao chegar, Pedro se depara com um sorriso reluzente que era de Inês, ama da princesa. E quando ia à caça Pedro só questionava o porquê do casamento. Ele não estava feliz. Queria mesmo era estar com Inês.

   Foi quando seus planos mudaram e ele passou a ir encontrar-se com Inês. Num desses encontros, chegou a notícia da morte da princesa Constança. Pedro correu para o Reino. Chegou a tempo do cortejo e só pensava "agora estou em paz". Dom Afonso, indignado, mandou levar Inês para um castelo abandonado. Pedro e Inês agora se desfaziam em cartas até que Pedro tomou coragem e foi buscar seu amor para viverem perto do rio Mondego. Pedro e Inês estavam felizes junto a seus 4 filhos.

   Mas ninguém no reino aceitava tal união. Um dia Pedro chegou da caça e não encontrou Inês nem seus filhos. Achou somente uma carta "Pedro, eu te amo muito, mas não aguento viver escondida. Sinto muito meu amor. A essa hora já devo estar bem distante." Pedro, totalmente sem chão, briga com seu pai e percebe que ele não vai mudar sua opinião, porque os valores e cultura falam mais alto e dão vantagem a seu pai. Pedro não vê razão em viver daquele jeito e resolve abdicar da vida no reino. Agora, Pedro mora numa casa simples no vilarejo. Dizem que a dor faz o poeta. Depois vem a vida e leva o amor para outro lugar.

   [Autoria: **Ana Guilhermina Pinto**]

2. AMOR DE MORTE E VIDA

   ... Quando Pedro chegou da sua caçada e viu sua amada morta, só conseguia pensar em uma frase que Inês sempre escrevia para ele: "Sua para sempre."

Foi quando ele percebeu que não conseguiria viver sem sua amada. Então, tomou uma decisão impensada. Iria ficar junto de sua amada, de um jeito ou de outro. Deixou uma carta para seu pai, o rei, na qual, entre outras coisas, dizia: “Meu pai, parece-me que meu peito foi rasgado por uma espada, tiraram-me a razão da minha felicidade. Mas isto não ficará assim, logo estarei junto dela, só que para sempre e agora.”

Após escrever a carta, Pedro mandou seus soldados cavarem uma cova ao lado da de Inês e escreve em sua lápide: “Seu para sempre”. Olhou uma última vez para suas crianças, abraçou uma a uma e disse: “Nós amamos vocês”. Pegou sua espada e foi para o túmulo de Inês e, olhando para ele quando lá chegou, falou: “Estou chegando, meu amor.” E enfiou a espada em seu peito.

Quando seu pai, o rei, recebeu a carta que ele escrevera, era tarde demais e, angustiado por ter causado a morte de seu filho e a amada dele, para tentar se redimir, resolveu fazer uma cerimônia de casamento e de coroação para os dois, em seus túmulos, chamando toda a realeza e os súditos para assistirem. Seus netos, filhos de Pedro e Inês, foram aceitos como herdeiros. Pedro e Inês, no fim, estavam casados e coroados. No fim de tudo o pai de Pedro disse: “Já é tarde, Pedro e Inês estão mortos, mas coroados.”

[Autoria: **Juciquely Queiroz**]

3. OUTRA HISTÓRIA DE INÊS

Pedro anuncia que a mulher que havia sido enterrada era outra e não a sua amada. Inês estava viva, afinal! Ele a havia escondido de toda a sociedade, a princípio por medo de seu pai.

Tempos depois do suposto assassinato, ele a trouxe de volta e então oficializou seu casamento com ela. A felicidade estampada nos rostos dos dois era imensa, pois depois de anos e tantas proibições, conseguiram ficar juntos com seus filhos. Apesar de serem julgados por muitos do Reino, o amor deles sempre prevaleceu e era maior que tudo.

O casamento dos dois foi uma pequena cerimônia e nela também Inês foi coroada Rainha. O amor proibido durante anos foi enfim transformado. Inês e Pedro tornaram-se Rei e Rainha.

[Autoria: **Maria das Graças do Nascimento Silva**]

4. INÊS E PEDRO DO CARIRI PARAIBANO

Numa viagem a um evento em uma capital brasileira, a paraibana Inês de Castro entrou no ônibus certa de que iria embarcar em uma caravana de estudo e não se deu conta que nesse mesmo ônibus entrou o Pedro, aquele que viria a mudar toda aquela idéia de estudo. Entraram no ônibus juntos e sem perceber as intenções de Pedro, Inês sentou-se sozinha. No evento, uma jovem passou mal e Inês se aproxima para ajudar no momento em que Pedro também tentava fazer o mesmo. O olhar de Pedro se encontra com o dela. Os dois descobriram juntos a magia transcendente do amor. Pedro fez Inês entender que ela era a única e a mais bela mulher no mundo.

Mas era um amor proibido. Pedro era casado e Inês também. Mas isso não foi motivo para eles desistirem de viver esse amor. Com o destino a favor, demarcaram lugares de encontros de amor e de magia. E em todas as vezes que estes encontros aconteciam, uma magia era feita, em intensos desejos. Inês não conseguiu ter filhos do esposo, mas de Pedro engravidou. Pedro tinha filhos, mas com a gravidez de Inês seu coração descompassou de alegria. Por causa do trabalho Pedro foi obrigado a ir morar em outra cidade, longe de Inês. Inês se despedaçou, separou-se do marido e foi morar sozinha. Triste ficou.

Certo dia, quando se preparava para ir para a maternidade dar à luz o Luiz, fruto do amor, batem à porta e Inês se depara com Pedro. Ele abraça aquela que nunca esquecera e a magia daquele amor infinito, que era antes proibido, agora acontece incondicionalmente. Constituem uma linda família, voltam a estudar juntos e seguem sua formação. Veio a vida e não levou o amor. Ele foi e voltou ao mesmo lugar. E o esposo de Inês e a esposa de Pedro, seguiram suas vidas e também construíram novas histórias.

[Autoria: **Hosana Torres**]

5. AMOR E CAMINHO DE INÊS

Um casal apaixonado viveu um romance escondido: Inês não poderia ficar com o rei, Dom Pedro, por ser plebeia, mas encontraram juntos o amor incondicional e juntos viveram por algum tempo.

Quando o povo do Reino descobriu, armou uma cilada para Inês. Tentaram matá-la e o rei ficou muito triste com esta ação do seu povo. Pedro ficou mesmo indignado, avisando à Inês da conspiração contra sua vida.

Inês, muito esperta, desviou-se do povo do reino, desviando-se assim da cilada armada contra ela.

Com o tempo, Inês não aceitou mais viver com o rei às escondidas e decidiu tomar seu destino sozinha, produzindo versos e músicas ao longo de seu caminho. Em vista disso, Pedro disse: “Depois vem a vida e leva o amor para outro lugar.”

[Autoria: **Carlos Eduardo de Lima Nascimento**]

6. INÊS É VIVA E DONA DE SUA VIDA

Agora vou expor, sendo atrevida
Uma Inês bem diferente
Linda, autêntica e decidida
Do seu tempo, bem à frente
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente

Ela se via envolvida
Por o Príncipe casado, infelizmente
Empregada no castelo, contudo destemida
Pedro, o Príncipe notou-a de repente
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente

Inês ficou muito tímida
Quando Pedro quis lhe ver posteriormente
Mas durante a conversa ficou muito entretida
E o interesse dele ficou logo transparente
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente

O tempo passava, a atração era nítida
Não era certo, Inês era ciente
Pedro por sua vez não tinha dúvida
Estava apaixonado piamente
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente

A fofoca por o povo proferida
Chegou ao Rei por seu emitente
Que foi falando a seu filho, Inês era estúpida
"Acabe com isso seu insolente"
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente

Pedro em contrapartida
Foi encontrar-se com Inês imediatamente
Chegou muito abalado, abraçou-a distraída
E foi contar-lhe o incidente
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente

Mas ela não ficou nem constrangida
Já entendia que o Rei era muito prepotente
Casar seu filho foi missão cumprida
Acordo de paz, nada amorosamente
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente

Se afastar era a melhor medida
Não iria arriscar duvidosamente
Inês pensava assim convencida
Pedro não provara seu amor realmente
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente

Haveria uma partida
Inês se decidiu tristemente
Desistia dessa paixão proibida
Deixando Pedro incontente
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente

No coração dele gerou-se uma ferida
Resolveu conversar com o pai seriamente
Queria separar-se da esposa concedida
E ir atrás de sua amada literalmente
Vem vida, passa vida...

O amor é aparente

Mas a ordem do Rei foi mantida
Seu filho com uma demente,
Pra o Príncipe não servia uma enxerida
Falou isso e mais um pouco, tudo cruelmente
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente

Pedro não aguentou a conversa descabida
Com raiva das palavras, triste e carente
Só pensava em Inês e como foi bandida
Roubou seu coração e partiu apressadamente
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente

Inês era mulher bem resolvida
Seu amor próprio era suficiente
Ela esperou de Pedro, a coragem devida
Mas o mesmo foi incoerente
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente

Essa foi a história redigida
Se esperavam um final com o mote coerente
Analisem bem a história reprimida
Os dois se amavam, mas Pedro foi negligente
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente

Isso diz muito sobre a vida
As pessoas se amam extremamente
Mas por medo, falta de coragem ou dúvida
Não ficam juntas, mas apesar de tudo
e minuciosamente
Vem vida, passa vida...
O amor é aparente.

[Autoria: **Fernanda da Silva Costa**]

7. AMOR QUE ACONTECE

Vamos aqui contar
Um pouco da história de Inês e Pedro
Um grande acontecimento
Que em Portugal começou.

Uma linda história de amor
Um namoro proibido
Pelo pai de seu futuro marido.

Este amor ali surgindo
Mesmo o pai de Pedro contra
Vieram a casar escondido.

Quando se soube do casamento,
tarde ali já era.

Veio então a morte de Inês
Sendo ela assassinada
Por três conselheiros, a facada.

Pedro chegando da caça
Sem saber da morte da amada.
Ali já não estava
Aquela, a quem tanto amava.

Pedro se trancou em silêncio profundo
Pedro se trancou do mundo.

Após anos quebrou o silêncio:
"Venham todos ver e coroar sua Rainha
Aqui morta por um amor proibido".

Marquês, Visconde e Barão
Todos tiveram que beijar
A mão de sua Rainha morta.

[Autoria: **Wagner Xavier**]

8. INÊS, MEU ANJO

Falavam que anjo existia
Eu não queria acreditar
Mas depois de conhecer Inês
Não tive como duvidar.

Com seu jeito angelical
Sua ternura sem igual
Sua voz que parece mel
Vi meu coração adoçar.

Inês, o que será da minha vida
Se um dia você me deixar?
Tenha toda a certeza
Meu coração não vai aguentar.

Inês, meu grande amor
Minha rainha, infinita paixão,
Em cada momento contigo
Vejo a vida eternizar.

[Autoria: **Carlos Henrique de Andrade**]

9. AMOR QUE SUPERA A MORTE

O amor surpreende
Acontece de repente
Deixa a gente inconsciente
Sem conseguir pensar

Vou relatar uma história
Que superou a morte e a dor
E me inspirou a contar

Você pode ter sua opinião
Mas no Nordeste, meu irmão
Ninguém queria acreditar

O príncipe Pedro
Casado com Constança
De sua ama Inês logo iria
Loucamente se apaixonar

Inês era bela e formosa
Trabalhava no castelo
E parecia uma rosa
O coração de Pedro
Foi logo se enamorar

A rainha Constança morreu
E o povo que não é besta
Logo logo percebeu
E sobre esse amor de Inês
Começou a comentar

O pai de Pedro resolveu
Violentamente atrapalhar
E mandou à Inês machucar
Ele a aprisionou

Em lugar terrível
Seu único abrigo
Era saber de Pedro lhe amar

Entre trocas de cartas
Crescia esse amor
Não sabiam quanto dor
Esse amor iria causar

Ao fugir Inês logo vê
Sua morte acontecer
Mas Pedro não lhe deixou
Depois da morte lhe corou
E lhe levou ao altar
E o povo a ordem de Pedro
Teve sim que acatar.

[Autoria: **Ednalva Ferreira da Silva**]

10. INÊS, A PRIMEIRA RAINHA NEGRA

Era uma tarde de domingo
Quando o Príncipe Pedro aguardava
Sua noiva Constança
Que por ele não era amada.

Naquele tempo era de costume
Um tal de casamento arranjado
Com puro interesse em negócios
Sem nenhum dos dois apaixonados.

Sua noiva era uma rainha
Mulher fria e desarrumada
Que trazia consigo como aia
A formosa Inês mulata.

O reino de Pedro estava falido
Sem nem um centavo para se manter
E ele era obrigado a casar com Constança
Que era feia de morrer.

Às vésperas do casamento
Pedro se rebelou
Foi para a sala do trono
E de lá gritou:

"COM CONSTANÇA
NÃO ME CASAREI
POIS MEU AMOR DE VERDADE
CHAMA-SE INÊS."

De cima do trono
Seu pai caiu
Com uma forte dor no peito
Gritava: "PEDRO, PEDRO."

E Pedro saiu correndo
Ao encontro do seu pai
Que no último suspiro disse:
"Salve esse reino, rapaz!"

E Pedro assim fez
Casou-se com a Constança
Uma mulher má
Que acabou por aprisionar Inês.

Dali em diante
O tempo não passava
A saudade escutava atenta
A distância de sua amada.

Inês pobre coitada
Vivia sempre em prantos
Numa torre fria
E distante de seu amado.

Em um dia qualquer
Pedro descobriu a torre
Onde apreenderam sua amada
E correu para resgatá-la.

Levou a amada para o castelo

E matou a rainha Constança.
Casando-se com Inês
Deixou-a na memória
Como a primeira rainha negra
De toda a história.

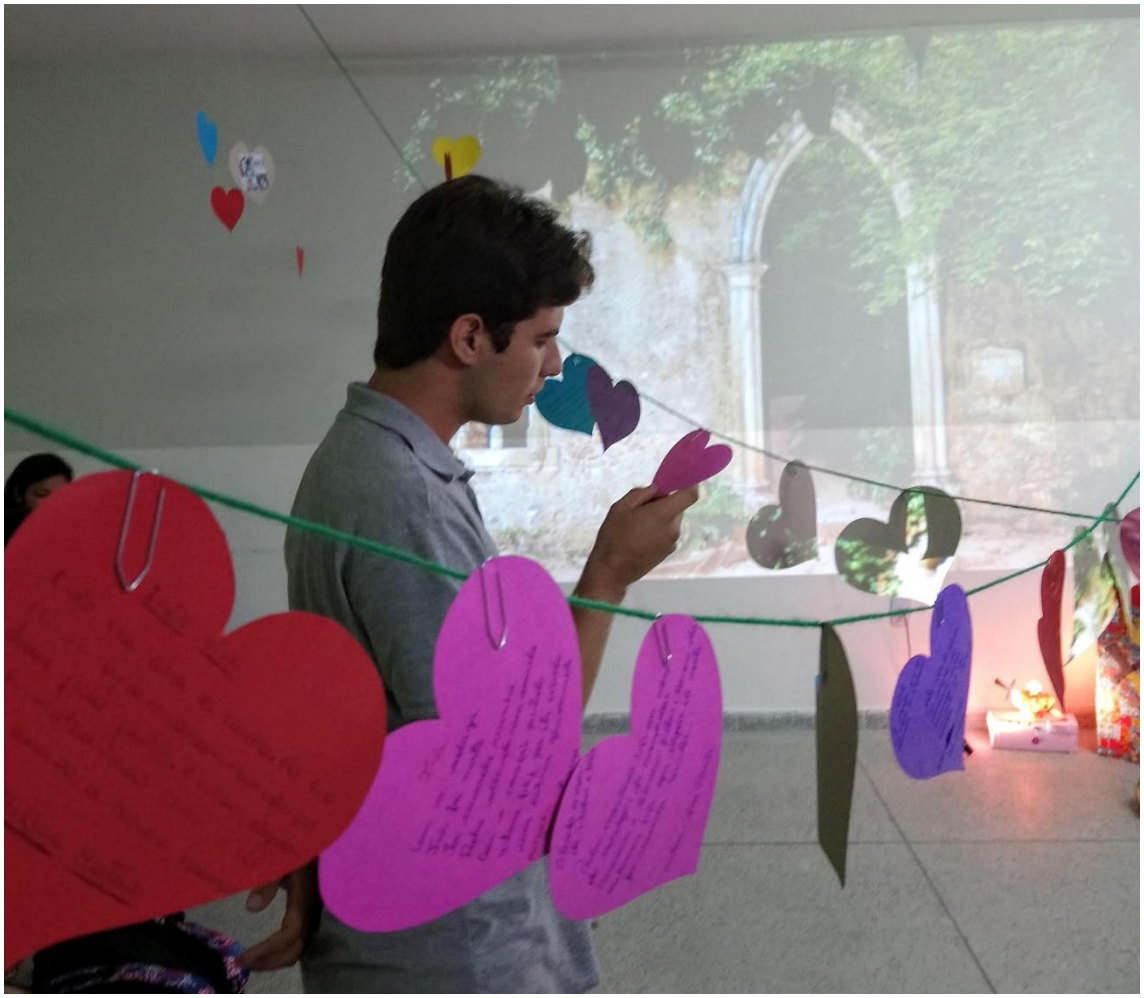
[Autoria: **Gabriela de Oliveira**]

Apresenta-se a seguir uma amostra representativa de registro das atividades do **Inês&Nós** em diferentes etapas do Projeto no município de Sumé.

Culminância das Oficinas de leitura-escrita em Sumé (Brasil) – Universidade Federal de Campina Grande

Culminância das Oficinas de leitura-escrita em Sumé (Brasil) – Universidade Federal de Campina Grande

Culminância das Oficinas de leitura-escrita em Sumé (Brasil) – Universidade Federal de Campina Grande



5.9 **Projeto de Curso de Mestrado em Literatura e Outras Linguagens no CDSA/UFCG**

A proposição de um curso de Mestrado interdisciplinar e interinstitucional entre o CDSA/UFCG e o CETAPS/FLUP, com área de concentração em Literatura e Outras Linguagens, a ser submetido à avaliação da CAPES, será fruto de um processo de construção coletiva que se inicia no contexto do estágio pós-doutoral aqui relatado e continuará nas atividades de cooperação já estabelecidas com a FLUP e outras instituições no Brasil e em Portugal, como também na ampliação das atividades de ensino, pesquisa e extensão já realizadas em parceria com outras unidades acadêmicas da própria UFCG, a exemplo dos projetos AquaGuardians, SoloAmigo, Minha Árvore, etc., realizados colaborativamente entre o Laboratório de Linguagens e Códigos, da UAEDUC/CDSA e

o Atelier de Computação e Cultura (CompCult), da UASC/CEEI, além do Projeto Prevenção da Obesidade do CNPQ/MS com a participação de pesquisadores da UFCG (do CEEI, do CDSA e do CTS), da UEPB (Mestrado em Saúde Pública) e UFPB (Programa de Pós-Graduação em Nutrição) e do Programa de Educação Tutorial da UFCG. Em todos estes projetos destacam-se a leitura e literatura como fundamentos da construção de comunidades leitoras ubíquas que atuam como coletivos protagonistas das mudanças que motivaram os respectivos editais de chamada de cada projeto.

Como resultado inicial desse processo criativo colaborativo apresentamos a linha de pesquisa que alicerça o projeto de programa de pós-graduação, a que intitulamos **Formação de leitores e comunidades leitoras ubíquas.**

Considerando a perspectiva essencialmente aplicada da pesquisa visada no Projeto de Curso de Mestrado em Literaturas e Outras Linguagens, a proposta de linha de pesquisa apresentada a seguir fundamenta-se na indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, e tem em conta experimentações realizadas em ambiente de formação de professores em nível de graduação e de pós-graduação nas disciplinas Literatura Dramática e Literatura e Outras Linguagens do POSLE/UFCG e também na orientação de trabalhos de grau, na graduação, na UAEDUC/UFCG, e na pós-graduação, no PPGLI/UEPB. Tais experimentações consistiram na dinamização de dois jogos utilizados no âmbito do POSLE/UFCG e da LECAMPO/UFCG, respectivamente, Aperreados e CordelWhats. O Aperreados foi um jogo de formação de professoras/es de Língua Portuguesa e Literatura, experimentado como atividade da disciplina *Literatura Dramática* (BARROS; ANDRADE, 2017) e o CordelWhats como atividade de pesquisa para elaboração da monografia final de formação docente (SOUSA, 2017), realizada no âmbito do projeto de extensão *Práticas de Linguagem: leitura e escrita criativas*, citado anteriormente, desenvolvido em parceria do Laboratório de Linguagens e Códigos da UAEDUC/UFCG com duas escolas da educação básica da rede pública do município de Sumé.

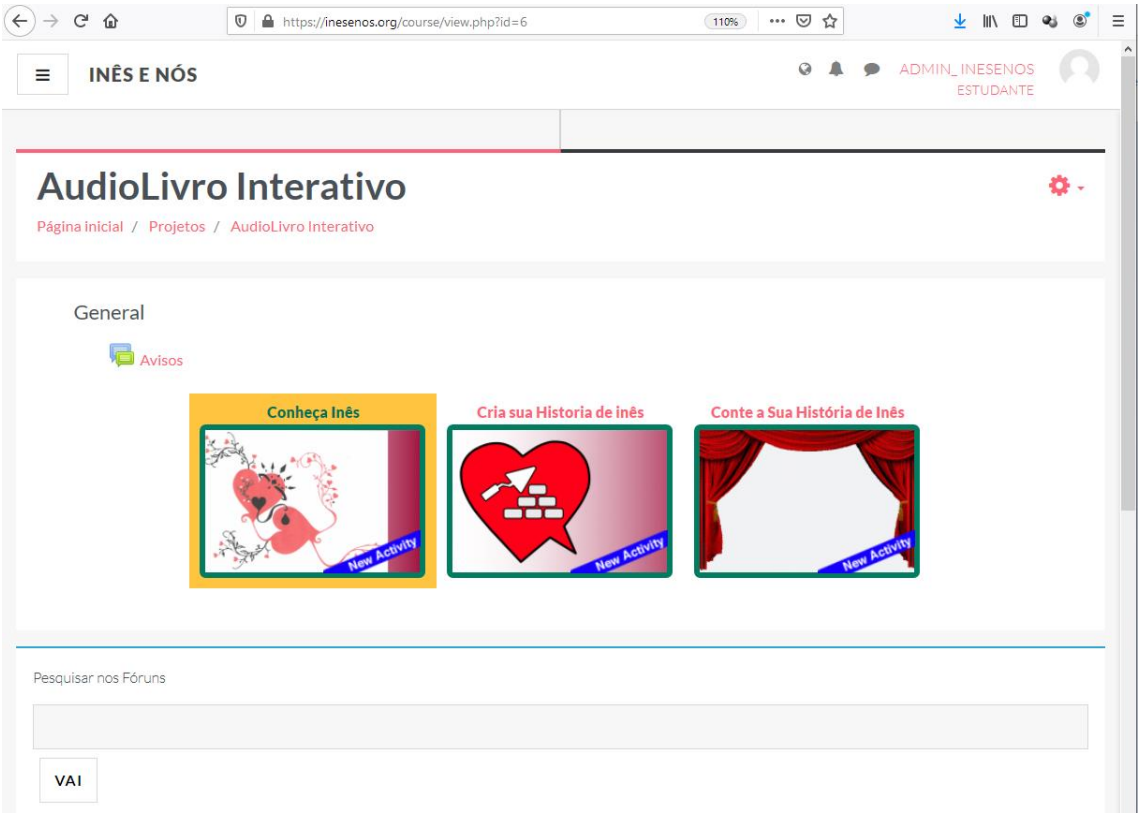
Nesta proposição de linha de pesquisa, toma-se como objeto a investigação dos fundamento, potencialidades e desafios de uma comunidade leitora ubíqua, em que a transmidialidade do texto e a leitura ubíqua são pontos de partida incontornáveis para se pensar a revolução digital e seus impactos no modelo educacional vigente em descompasso com educandos que, sendo expostos e tendo acesso à hipermídia, apresentam novos processos cognitivos e de formação de linguagens, tais como processos interativos de construção social de sentidos, de inteligência(s) e de experiência(s). A linha

tem como objetivos conhecer e experimentar processos criativos inovadores de leitura e de escrita por meio de práticas de gamificação e de leitura como performance, designadas aqui como Leituração, bem como formas evolutivas de registro, produção e consumo do texto, que habilitam educador e educando para uma prática de linguagem transformadora do mundo e para transcender fronteiras espaciotemporais da educação. Propõe, ainda, congregar investigações acerca do leitor-autor e do texto como obra-ação solidária de transformação do mundo.

Promover a pesquisa aplicada à inovação da educação do campo e da cidade, bem como a prática efetiva da interdisciplinaridade entre unidades acadêmicas da UFCG e, ainda, aumentar o potencial de descoberta de conhecimento em parceria com as áreas de Computação, Arte e Mídia, Design, etc. estão entre as motivações principais para a criação desta linha de pesquisa.

5.10 **AudioLivro Interativo MINHA VOZ DE INÊS Versão 1.0 em** www.inesenos.org

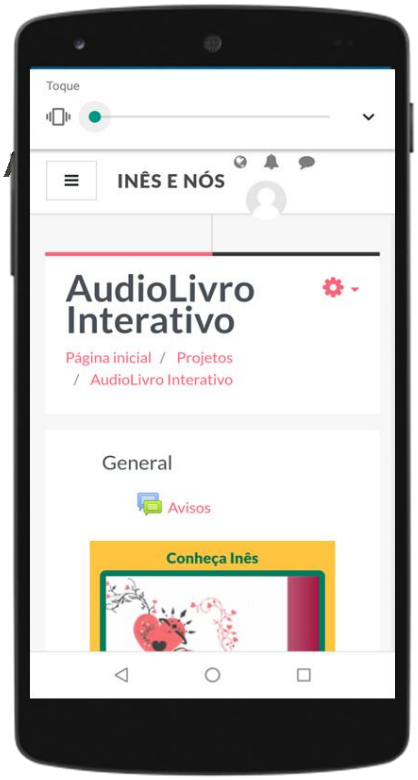
O AudioLivro Interativo *Minha Voz de Inês* Versão 1.0 encontra-se disponível no aplicativo e plataforma online em www.inesenos.org, no espaço designado como AudioLivro Interativo, conforme imagem a seguir.

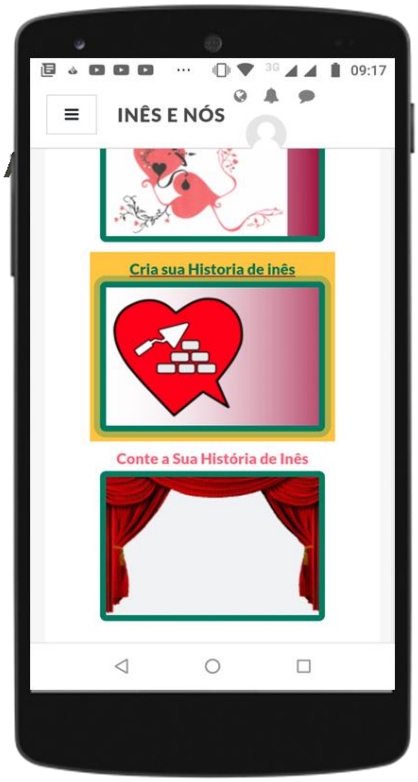


No smartphone o audiolivro interativo está disponível na forma abaixo:

O audiolivro *Minha Voz de Inês* do Inês&Nós, acessível pelo smartphone em www.inesenos.org, é um dos frutos desse estágio pós-doutoral. Trata-se de um jogo paralelo, jogado e embutido no jogo IN, de construção de um audiolivro interativo de Inês&Nós. Nele, leitoras/es de todas as idades vivem 3 experiências de relacionamento com a história de Inês de Castro e a partir delas constroem um mundo utópico coletivo por meio de leituras performáticas, gravadas em áudio, de suas próprias versões da história de Inês que representam seus próprios mundos utópicos presentes e futuros inspirados pelo amor infinito. A primeira experiência é uma viagem pelo mundo de Inês para conhecer a personagem através da leitura performática de obras fornecidas pelo professor. Em seguida a/o leitor/a cria sua própria versão da história, assumindo um papel de Inês ou de Pedro no qual o personagem rompe com paradigmas que restringem a

liberdade, a cidadania, e a própria vida de si, do outro e do mundo, para construir um mundo melhor. Finalmente ele grava a sua leitura performática de sua história e envia o arquivo de áudio correspondente para a plataforma www.inesenós.org, tornando assim, coautor do livro. Na plataforma, um processo híbrido de revisão editorial multimodal, de design e de engenharia de software, atualiza o livro para que inclua o novo capítulo e sua respectiva autoria na nova versão (edição eletrônica) do livro *Minha Voz de Inês*. Seguem imagens ilustrativas do ambiente virtual que permite ao usuário participar do Inês&Nós como lei(au)tor do livro *Minha Voz de Inês*.





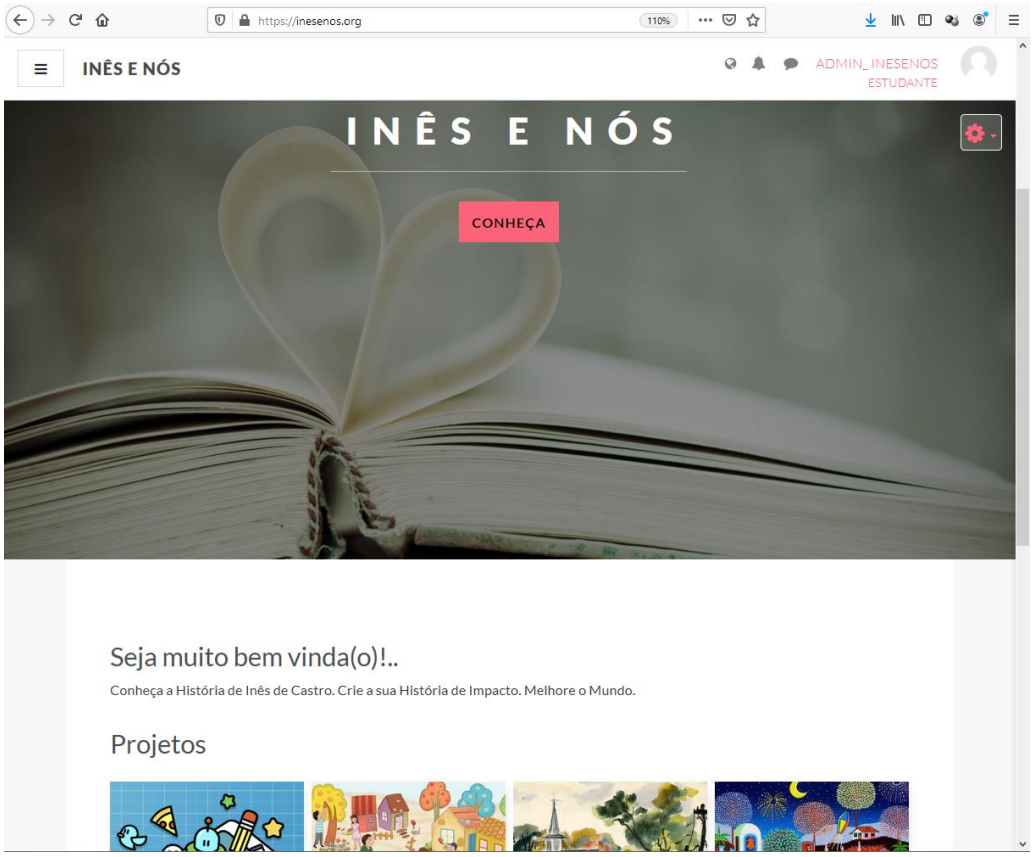
O resultado dessas 3 experiências propostas pelo jogo é uma comunidade leitora ubíqua de pessoas que se relacionam não somente por meio uma experiência intelectual de ler/interpretar/apreciar um mesmo livro, mas por meio de uma atitude ponte, manifestada inequivocamente por um fazer que transcende o pensar, ativo e operativo, de construção de um novo mundo utópico usando como ferramentas a leitura, a escrita e a contação de histórias de transformação de si, do outro e do seu mundo próximo onde elas podem efetivamente causar impactos sociais, ambientais e econômicos.

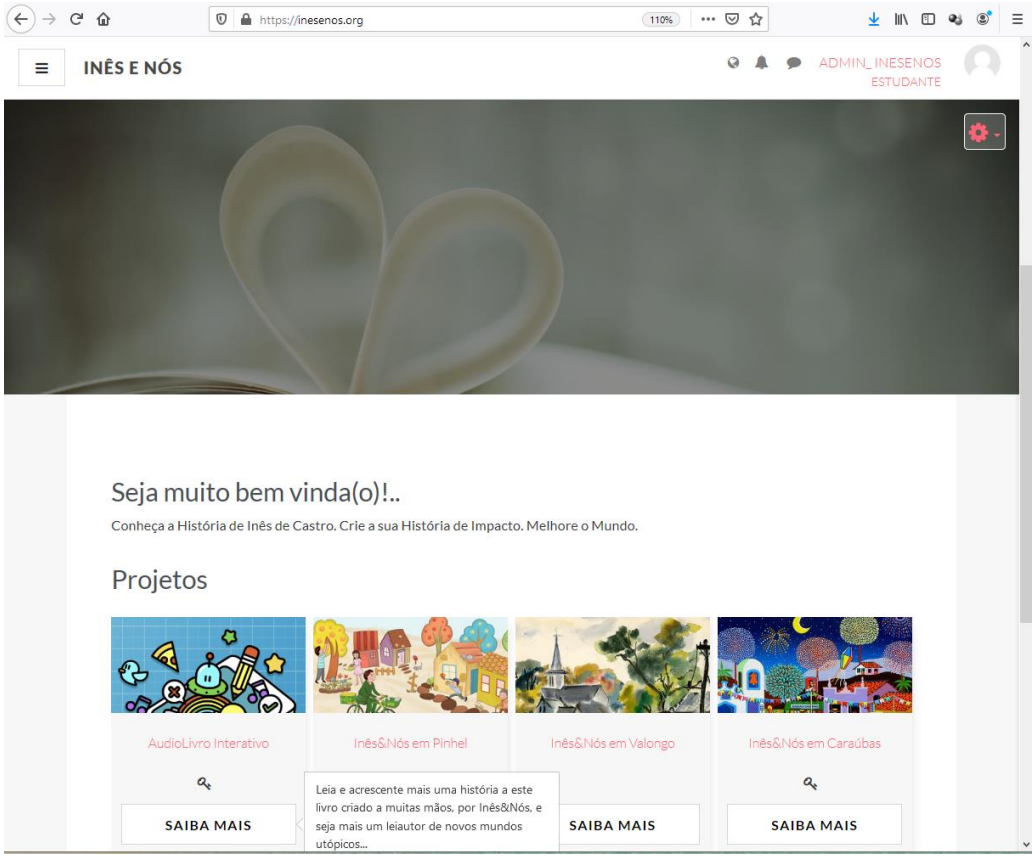
Parte desse resultado foi gerado em vinculação ao trabalho de pesquisa do mestrando Rafael de Sousa Barros, orientando da professora Valéria Andrade e do professor Marcelo Barros, no programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba, executada em parceria com a FLUP, em grande parte por meio dos experimentos realizados durante este estágio pós-doutoral, nas cidades de Valongo, de Sumé e do Porto.

5.11 **Plataforma Inês&Nós de Criação de Jogos de Leitura Inovadora em Realidade Alternada, disponível em** www.inesenos.org

A plataforma tecnológica Inês&Nós foi concebida para dar apoio aos usuários do jogo em todas as atividades da metodologia LerAtos, integrando suas ações em diferentes

plataformas públicas acessíveis tais como WhatsApp, YouTube, Facebook, Instagram etc. e em plataformas de acesso privativo desenvolvidas especificamente para comunidades participantes mediante convênios de parceria institucional, como os aplicativos para dispositivos móveis Inês&Nós, Jose&José, CineAtos, Mistérios do Almanaque, SayForChange etc. A plataforma está disponível para acesso em www.inesenos.org. Ela está organizada em ambientes virtuais específicos para cada convênio de parceria institucional. Seguem algumas imagens dos ambientes virtuais que estão sendo usados atualmente em partidas realizadas nas cidades de Valongo e Pinhel em Portugal, e de Sumé e Caraúbas no Brasil, além do ambiente virtual específico do jogo do AudioLivro Interativo *Minha Voz de Inês*.

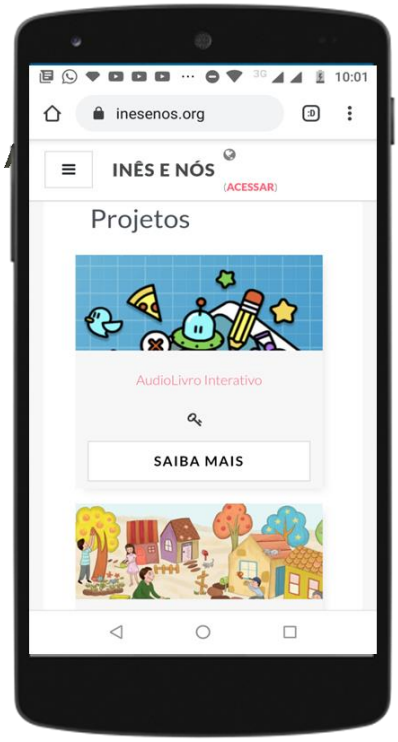


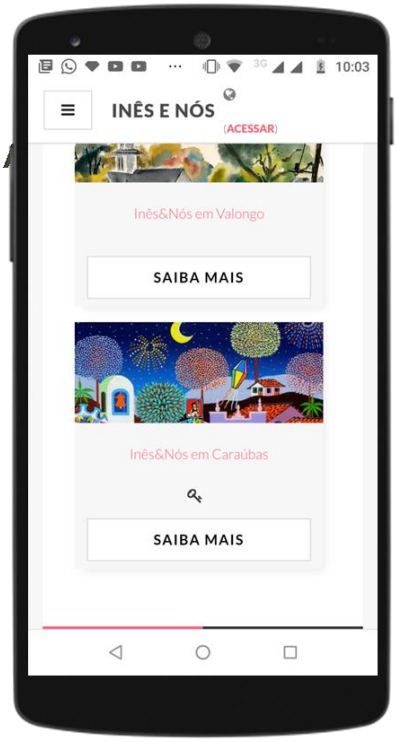


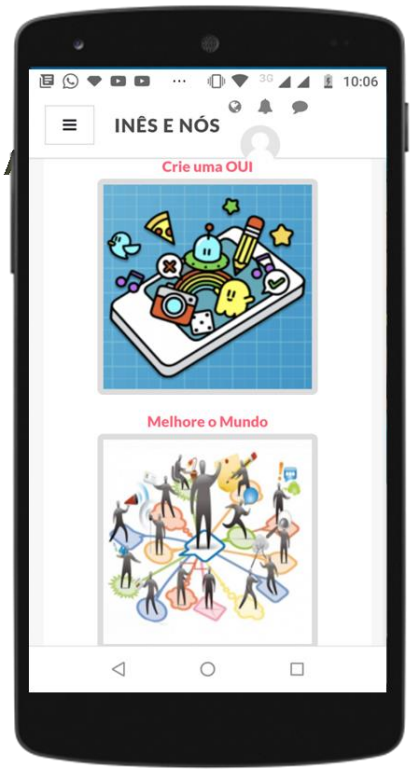
Plataforma Inês&Nós disponível em www.inesenos.org.

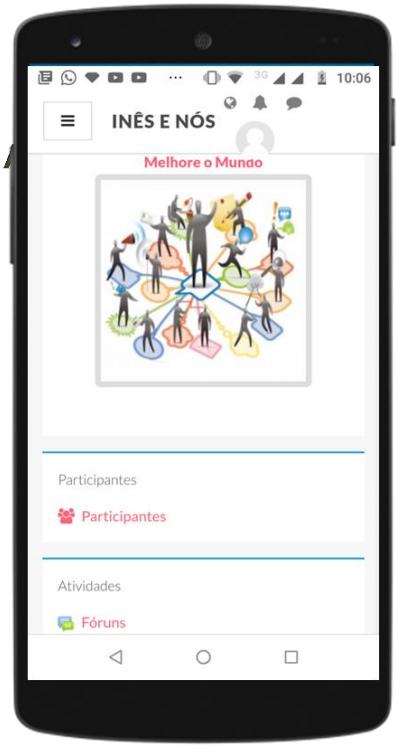
09:59
inesenos.org
INÊS E NÓS
(ACESSAR)
INÊS E NÓS
CONHEÇA

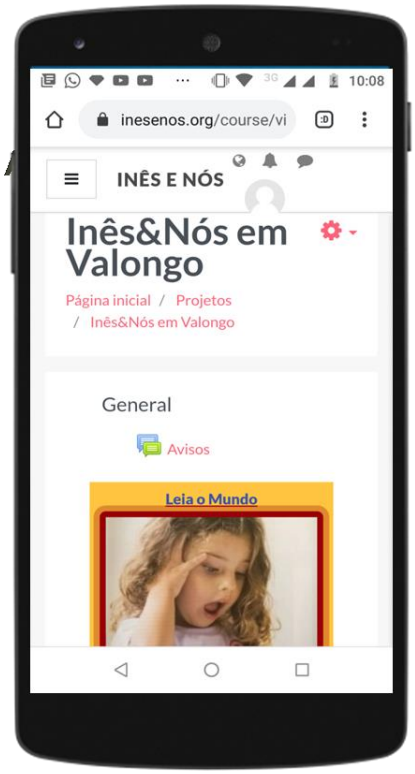
10:09
inesenos.org
INÊS E NÓS
Seja muito bem vinda(o)!..
Conheça a História de Inês de Castro. Crie a sua História de Impacto. Melhore o Mundo.
Projetos
AudioLivro Interativo


10:01
inesenos.org
INÊS E NÓS
(ACESSAR)
Projetos
AudioLivro Interativo
SAIBA MAIS

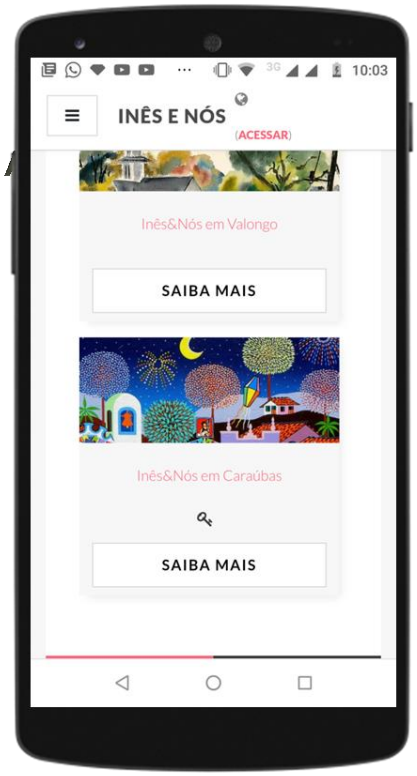

10:03
INÊS E NÓS
(ACESSAR)
Inês&Nós em Valongo
SAIBA MAIS
Inês&Nós em Caraúbas
SAIBA MAIS

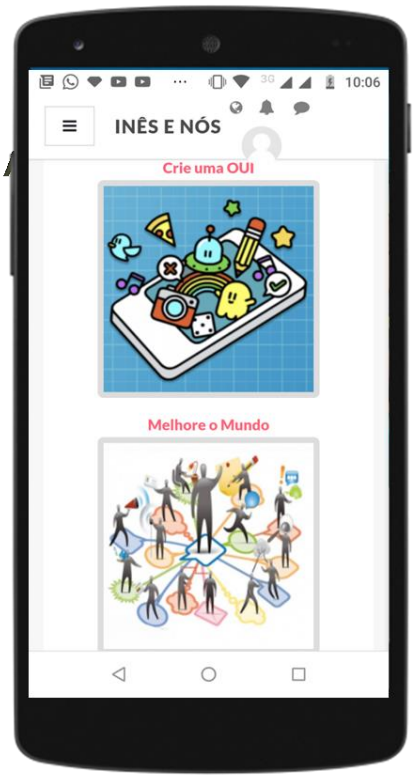

10:06
INÊS E NÓS
Crie uma OUI
Melhore o Mundo

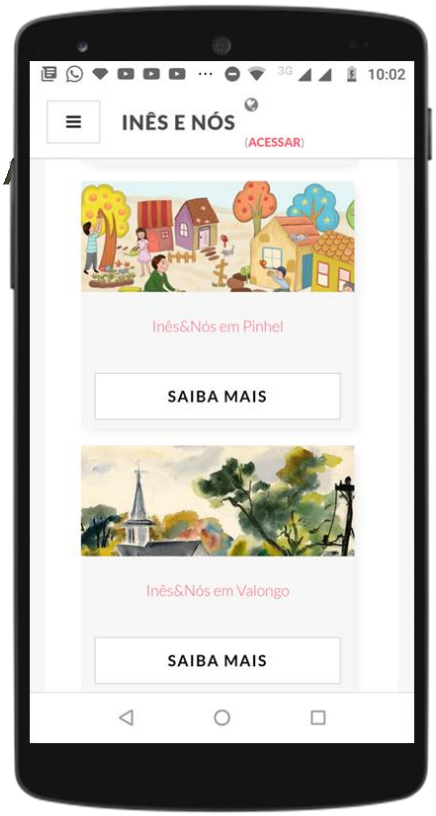

10:06
INÊS E NÓS
Melhore o Mundo
Participantes
Participantes
Atividades
Fóruns


10:08
inesenos.org/course/vi
INÊS E NÓS
Inês&Nós em Valongo
Página inicial / Projetos / Inês&Nós em Valongo
General
Avisos
Leia o Mundo

10:20
INÊS E NÓS
Inês&Nós em Sumé
Página inicial / Projetos / Inês&Nós em Sumé
General
Avisos
Leia o Mundo


10:03
INÊS E NÓS
(ACESSAR)
Inês&Nós em Valongo
SAIBA MAIS
Inês&Nós em Caraúbas
SAIBA MAIS


10:06
INÊS E NÓS
Crie uma OUI
Melhore o Mundo


10:02
INÊS E NÓS
(ACESSAR)
Inês&Nós em Pinhel
SAIBA MAIS
Inês&Nós em Valongo
SAIBA MAIS

5.12 **Produção intelectual/Publicações**

Quanto à produção intelectual gerada como resultado também relevante deste estágio pós-doutoral, está o conjunto de estudos analíticos-interpretativos produzidos em coautoria com pesquisadores engajados no desenvolvimento do projeto **Inês&Nós**. Incluem-se nesta produção estudos apresentados em eventos científicos e publicados em suas atas, a saber: [1] Ines&Us: Endless Love Alternate Reality Game to Build Utopic New Worlds (ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo A. de; VIEIRA, Fátima; SOUSA. Rafael B. de; ALMEIDA, Leandro de S., 2019); [2] Inês&Nós por todos os cantos: uma experiência de leitura e recontação da história inesiana na Educação Básica (ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo A. de; SOUSA. Rafael B. de; ALMEIDA, Leandro de S. In: *Anais do IV CONEDU-Congresso Nacional de Educação*. Fortaleza-CE, 2019. No prelo); e outros apresentados como trabalho final de disciplinas de mestrado por nossos orientandos do PPGLI/UEPB e selecionados para publicação colaborativa organizada pelos respectivos docentes, a saber: [3] Da tumba à retumbância: o mito de Inês de Castro e suas conjugações no diálogo intercultural entre Portugal e Brasil, (ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo A. de; SOUSA. Rafael B. de; ALMEIDA, Leandro de S. No prelo); [4] D. Inês de Castro (1325[?]-1355: a mulher, a rainha e as representações da violência nas obras literárias, (ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo A. de; SOUSA. Rafael B. de; ALMEIDA, Leandro de S. No prelo); [5] Tradição e reinvenção do mito de Inês de Castro no romance histórico contemporâneo: A Estalagem dos Assombros, ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo A. de; SOUSA. Rafael B. de; ALMEIDA, Leandro de S. No prelo) e [6] Texto, imagem e projeto gráfico por uma adaptação do mito português de Inês de Castro para crianças brasileiras, ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo A. de; SOUSA. Rafael B. de; ALMEIDA, Leandro de S. No prelo).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas atividades aqui relatadas, propôs-se que adolescentes na faixa etária média de 18 anos, frequentando turmas de 12º ano da Escola Secundária do Agrupamento de Escolas de Valongo, distrito do Porto (Portugal), e jovens do 3º Período da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Sumé (Brasil), vivenciassem a prática de leitura e escrita criativas mediante atividades de ensino de literatura propostas em forma de oficinas de criação e de ações de empreendedorismo social relacionadas à circulação, mediada pelas tecnologias digitais, de textos multimodais com temas relacionados à vivência cotidiana da cidadania, dos direitos humanos e da igualdade de gênero, com ênfase na construção de relações afetivas com base no respeito por si e pelo outro.

Em sintonia, portanto, com o entendimento do ato de ler como prática construída socialmente por uma "comunidade de leitores" (CHARTIER, 1999) em que se produzem e se partilham sentidos sobre si e o mundo, e também como um diálogo com o passado, próximo ou passado, em busca de, num jogo dialético, eliminá-lo presentificando-o (COETZEE, 2010) e, ainda, por outro lado, compreendendo-se a literatura como "parte de uma grande conversação" (FLUSSÉR, 2002) que se efetiva como experiência a partir da mobilização dos afetos (DINIZ, 2017), a proposta desenvolveu-se alinhada à metodologia *LerAtos*, concebida, como já vimos, para promover uma experiência mais profícua de educação e de leitura, em que, por meio da leitura com procedimentos de diferentes expressões artísticas, com ênfase na leitura performatizada, estabeleça conexões entre jogo (brincadeira) e trabalho (trabalho social). Busca-se, com sua prática em ambientes de ensino-aprendizagem, formais e criar oportunidades para quem brinca romper a barreira do círculo mágico do jogo e atuar no seu espaço cotidiano de vivências com o desafio social pretendido, experimentando o conceito de realidade alternada, em que realiza parte das missões do jogo nos mundos virtuais da narrativa e parte no mundo real. **Inês & Nós** é, portanto, uma proposta, como referido acima, voltada para a formação de uma comunidade leitora ubíqua integrada por lei(au)toras/es que, mediante o jogo do diálogo com a história passada de Inês e Pedro, dela se apropriam no presente, reconhecendo-se autoras/es-protagonistas de histórias de "amor até ao fim do mundo" utopicamente realizáveis (VIEIRA, 2011) pelo aprendizado do respeito e da igualdade de direitos entre mulheres e homens.

De outra perspectiva, a contribuição de **Inês&Nós** alinha-se com a de **Inês é viva!**, citado na Introdução deste Relatório, ao alimentar o diálogo em torno do conhecimento sobre dramaturgia de autoria feminina que vimos construindo há quase três décadas com estudos bibliográficos destinados a reconstituir processos sociais historicamente apagados e, de outro lado, a sistematizar dados biobibliográficos de brasileiras e portuguesas que escreveram para teatro no Brasil nos Oitocentos (ANDRADE, 1996, 2001a, 2001b, 2008), organizando, ainda, edições de suas obras, assim livrando-as do esquecimento, tanto quanto as do século passado e do nosso, que continuam sendo silenciadas, por exemplo, pela ação discriminatória do mercado editorial, que não deixa de ser uma forma velada de violação ao direito das mulheres à livre expressão e à publicação de seu pensamento.

Para além do alargamento de limites deste conhecimento, **Inês&Nós** contribui para amplificar processos de natureza intercultural voltados para o entendimento "do outro" do "nosso outro", buscando indagar/enxergar com "outros olhos" como se colocam no mundo e se relacionam – em particular tratando-se de relações de gênero – diferentes "outros" de contextos culturais tão ambiguamente próximos e distantes como o brasileiro e o português, contribuindo, assim, para a compreensão de nossas respectivas identidades e, completando o ciclo, para tornar menos conflituosa a relação entre diferentes alteridades e, consequentemente, mais fecunda a dinâmica das trocas culturais entre Portugal e Brasil. Em outras palavras (escritas em contexto relacionado a resultados da pesquisa *Inês é viva!* – os quais, mesmo dez anos depois, alinham-se com a epígrafe deste Relatório quanto à aventura de transmutar em semente de criatividade, em pleno século XXI, o amor que uniu Pedro e Inês):

> Articular o diálogo entre estas vozes lusófonas híbridas de identidade e diferença poderá favorecer o entendimento de que, do lado de lá ou de cá do Atlântico, as personagens do enredo inesiano – em particular a própria Inês, mas também Pedro e Afonso, além, é claro, da anã Miguéis – somos todos nós, seres humanos em construção, vivendo as tensões entre feminino e masculino, num tempo em que, para além dos múltiplos modelos de ser-mulher e ser-homem, os gêneros vêm se moldando no sentido de ser, cada vez menos, um o avesso do outro. Somos todas/os, brasileiras/os ou portuguesas/es, mulheres e homens com habilidade para reutilizar velharias na reinvenção da vida e da experiência amorosa (ANDRADE, 2010, p. 171-172)

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

AMÂNCIO, Lígia (org.). *Aprender a Ser Homem: construindo Masculinidades.* Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

ANDRADE, Valéria [Souto-Maior]. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 1996.

ANDRADE, Valéria [Souto-Maior]. *O florete e a máscara*: Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX. Florianópolis: Mulheres, 2001a.

ANDRADE, Valéria [Souto-Maior]. *Entre/linhas e máscaras: a formação da dramaturgia brasileira de autoria feminina no Brasil do século XIX*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001b.

ANDRADE, Valéria (org.). *Maria Ribeiro: teatro quase completo*. Florianópolis: Mulheres, 2008. Reedição rev. e atualizada, 2014.

ANDRADE, Valéria. Era uma vez Inês: o(s) mito(s) desnudo(s) na dramaturgia portuguesa de autoria feminina. In: MACIEL: Diógenes A. Vieira (org.). *Pesquisa em dramaturgia: exercícios de análise*. João Pessoa: Ideia. p. 153-173. 2010a.

ANDRADE, Valéria. Autoria feminina e o texto escrito para o palco: editar é preciso, ler também. In: GOMES, André Luís (org.). *Leio teatro: dramaturgia brasileira contemporânea, leitura e publicação*. São Paulo: Horizonte, 2010b. p. 229-242.

ANDRADE, Valéria. Dramaturgia Contemporânea de Autoria Feminina no Nordeste do Brasil e em Portugal. *Anais: XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Brasília, Universidade de Brasília. 2011a.

ANDRADE, Valéria. Lourdes Ramalho: viver e fazer viver a vida e o teatro. In: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *A Feira; O Trovador Encantado*. Organização de R. Lemaire, Introdução de Lourdes Ramalho, Valéria Andrade e Ria Lemaire, Fixação do texto e notas de Lourdes Ramalho, Valéria Andrade e Diógenes A. V. Maciel. Campina Grande; Coruña: EDUEPB; Biblioteca-Arquivo Teatral Francisco F. Mayor, 2011b.

ANDRADE, Valéria. Lourdes Ramalho e o ofício de escrever-pensar teatro. In: GOMES, André Luís; MACIEL, Diógenes A. V. (orgs.). *Penso teatro: dramaturgia, crítica e encenação*. Vinhedo: Horizonte, 2012. p. 220-238.

ANDRADE, Valéria. Os outros em nós: um varal para *O Burlador de Sevilha*. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias (org.). *Memórias da Borborema 3: feminismo, estudos de gênero e homoerotismo*. Campina Grande: ABRALIC, 2014.

ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo Alves de. *LerAtos*: Jogos Sérios de Leitura Performática em Realidade Alternada para engajar População e Escolas em Desafios Sociais. In: ALVES, Lourdes Kaminski; MIRANDA, Célia Arns de (orgs.). *Teatro e Ensino: Estratégias de Leitura do Texto Dramático*. Vol. I. São Carlos: Pedro & João, 2017. p. 107-127.

ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo A. de; VIEIRA, Fátima; SOUSA. Rafael B. de; ALMEIDA, Leandro de S. Ines&Us: Endless Love Alternate Reality Game to Build

Utopic New Worlds In*: Proceedings of the 11th International Conference on Computer Supported Education - Volume 1: CSEDU,* 565-572, 2019, Heraklion, Crete, Greece.

ANDRADE, Valéria; MACIEL, Diógenes A. V. (orgs.) *Por uma militância teatral: estudos de dramaturgia brasileira do século XX*. Campina Grande: Bagagem; João Pessoa: Ideia, 2005.

ANDRADE, Valéria; MACIEL, Diógenes A. V. (orgs.). *Dramaturgia fora da estante*. João Pessoa: Ideia, 2007.

ANDRADE, Valéria; SCHNEIDER, Liane; MACIEL, Diógenes A. Vieira. Introdução: O teatro feminino-feminista-libertário de Lourdes Ramalho. In: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *Teatro [quase] completo de Lourdes Ramalho*. Vol. 2: Mulheres. Organização, fixação dos textos, estudo introdutório e notas de Valéria Andrade e Diógenes Maciel. Maceió: EDUFAL, 2011. p. 7-27.

BARROS, Marcelo A. de et. al. AQUAGUARDIANS: Um jogo sério em realidade alternativa de engajamento da população no cuidado com a água. In: FREITAS, Eliano de Sousa Martins e CASTRO, José Esteban (Eds.). *WATERLAT-GOBACIT Network Working Papers Thematic Area Series SATACCE – TA7 – Art, Communication Culture, and Education* – Vol. 3, Nº 10, 2016. p. 10-33.

BARROS, Marcelo A. de; ANDRADE, Valéria et al. AquaGuardians - A Tutorial-based Education Game for Population Engagement in Water Management In: *Proceedings of the 9th International Conference on Computer Supported Education - Volume 2: CSEDU,* 146-153, 2017, Porto, Portugal

BARROS, Marcelo A. de; ANDRADE, Valéria et al. ReadAct-Alternative Reality, Serious Games for Reading-Acting to Engage Population and Schools on Social Challenges. Paper n. 62 to *10th International Conference on Computer Supported Education*. Funchal, Madeira – Portugal, 15-17 march, 2018.

BESSA-LUÍS, Agustina. *Adivinhas de Pedro e Inês*. Lisboa: Guimarães, 1986.

BORGES, Rita A. Barata. *A prevenção da violência de género em jovens e em contexto escolar: um olhar sobre a intervenção da CIG*. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

BRITO, Terezinha Maria de. Inês de Castro: uma rainha encantada no imaginário. *Graphos*. João Pessoa, v. 8, n. 1, jan./jul. 2006.

BRUM, Eliane. A literatura é capaz de transformar o seu mundo? *Época*, 27/12/2010. Disponível em: http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0EMI198223-15230,00-A+LITERATURA+E+CAPAZ+DE+TRANSFORMAR+O+SEU+MUNDO.html. Acesso em: 06.02.2011.

CAMPBELL, J. *The Hero With a Thousand Faces*. Pantheon Books, 1949.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _. *Vários escritos*. 4ª ed. reorg. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

CHARTIER, Roger. Comunidades de leitores. In: *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UnB, 1999.

COETZEE, J. M. *Verão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2016.

COUTO, Mia. COUTO, Mia. *Guardar memórias, contar histórias e semear o futuro*. Aula Magna proferida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 03.09.2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IZtc11Bn0M0. Acesso: 12/05/2018.

DINIZ, Lígia G. Uma alma que dança ou despenca: corpo e presença na experiência literária. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 7, n. 3, 2017, UFRGS. Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/presenca/article/view/68773. Acesso: 10.02.2018.

DINIZ, Lígia G. *Por uma impossível fenomenologia dos afetos: imaginação e presença na experiência literária*. 2016. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

DIONÍSIO, Eduarda. Falas da Castro. In: _. *Antes que a noite venha*. Lisboa: Cotovia, 2005.

DUBY, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ENCARNAÇÃO, Carlos. [As comemorações...]. In: SAMPAIO, Jorge Pereira (coord.). *Comemorações de Inês de Castro em 2005*. Alcobaça: Associação Amigos de D. Pedro e D. Inês, 2006. p. 19.

FAILLA, Zoara. (Org.). *Retratos do Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FERRO, Manuel. *Os amores de Pedro e Inês na Literatura Portuguesa de Cordel do Século XX*. Disponível em: http://www.unicv.edu.cv/images/ail/120Ferro1.pdf. Acesso: 10.01.2018.

FLUSSER, Vilém. *Esperando por Kafka*. In: _. *Da religiosidade: a literatura e o senso da realidade*. São Paulo: Escrituras, 2002.

FRANCO, Aninha. *Três mulheres e Aparecida + A casa da minha alma*. Salvador: Theatro XVIII, 2006.

FRANCO, António Cândido. *A Rainha Morta e o Rei Saudade: o amor de Pedro e Inês de Castro*. 3. ed. Lisboa: Ésquilo, Ano Inesiano da Cultura, 2005.

FRANCO, Erica. Como está a Madeira no que toca a violência no namoro. *Diário de Notícias*. 14 fev. 2018. Disponível em: http://www.dnoticias.pt/madeira/como-esta-a-madeira-no-que-toca-a-violencia-no-namoro-JX2752139. Acesso em: 14.02.2018.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: EDUNESP, 1993.

GOMES, André. "Lei(a)tores" em processo coletivo e colaborativo no Quartas Dramáticas. *Pitágoras*, 500 – V. 2, abr. 2012. Disponível em: https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/pit500/article/view/21/44. Acesso: 25. jun. 2014.

GOUVEIA, Maria João Fialho. *Inês*. Amadora: Topseller, 2016.

GROSSI, Miriam Pilar. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em primeira mão*. Revista do PPGAS, UFSC, Florianópolis, SC, 2004. Disponível em: http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Visualizar3.pdf. Acesso em: 02.03.2004.

GUEDES, Maria Estela. *A Boba: monólogo em três insônias e um despertador*. Britiande: Apenas Livros, 2006. (Coleção Teatro no Cordel 4)

HIGINO, Nuno. *O Casamento de Pedro e Inês de Castro*. Ilustração de Alberto Péssimo. Leça da Palmeira: Letras e Coisas, 2013.

HOSAKABE, Haquira. A pátria de Inês de Castro. In: IANNONE, Carlos Alberto et al. (org.). *Sobre as naus da iniciação: estudos portugueses de literatura e história*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 105-117.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução de André Cechinel. 2.ed. Florianópolis: EDUFSC, 2013.

KEFALÁS [Oliveira], Eliana. *Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário*. Campinas: Autores Associados, 2012.

KOCH, Ingedore. *Inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

LÉVY,

LIMA, Isabel Pires de. Inês de Castro. In: SAMPAIO, Jorge Pereira (coord.).

Comemorações de Inês de Castro em 2005. Alcobaça: Associação Amigos de D. Pedro e D. Inês, 2006, p. 270-271.

MACEDO, Ana Gabriela (org.). *Gênero, identidade e desejo: antologia crítica do feminismo contemporâneo*. Lisboa: Cotovia, 2003.

MACEDO, Ana Gabriela e AMARAL, Ana Luísa (orgs.) *Dicionário da crítica feminista*. Porto: Afrontamento, 2005.

MAGALHÃES, Ana Maria; ALÇADA, Isabel. *Uma aventura na Quinta das Lágrimas*. Ilustrações de Arlindo Fagundes. Alfragide: Caminho, 1999.

MARQUES, Vanda Furtado. *O amor de Pedro e Inês contado aos pequenotes*. Ilustrações de Susana Silva. Lisboa: Quetzal, 2007.

MARINHO, Maria de Fátima. Constança ou O outro lado do mito. *Diacrítica – Revista do Centro de Estudos Portugueses da Universidade do Minho*. N. 6, 1991, p. 85-99.

MATOS, Marlise. *Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000.

McCONIGAL, Jane. SuperGaming: Ubiquit ous Play and Performance for Massively-Scaled Community. *Modern Drama Journal*, Special issue: Technology. 48:3 Fall, 2005.

McCONIGAL, Jane. Reality Is Broken. *Why GamesMake Us Better and How They Can Change the World.* Penguin Press HC, 2011.

MEDRADO, Benedito e LYRA, Jorge. Produzindo sentidos sobre o masculino: da hegemonia à ética da diversidade. In: ADELMAN, Miriam e SILVESTRIN, Celsi B. (Orgs.). *Coletânea gênero plural*. Curitiba: E. UFPR, 2002, p. 63-76.

MELLO, Roger. *Inês*. Ilustrações de Mariana Massarani. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

MENEZES, Adélia Bezerra de. A paixão na literatura: do *Cântico dos Cânticos* e dos gregos à poesia contemporânea. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Ed. Comemorativa, p. 40-62.

NOGUEIRA, Lucila (org.). *Saudade de Inês de Castro*. Recife: Bagaço. 2005.

NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

MILL, Daniel (org.). *Escritos sobre educação: desafios e possibilidades para ensinar e aprender com as tecnologias emergentes*. São Paulo: Paulus, 2013.

MOHANA, João. *Por causa de Inês*. Presidente Prudente: Agir, 1971.

NEVES, Sofia. *Amor, poder e violência na intimidade: os caminhos entrecruzados do pessoal e do político*.

OLIVEIRA, Eliana Kefalás. Leitura, voz e *performance* no ensino da literatura. *Signótica*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 277-307, jul./dez. 2010.

OOM, Ana. *Nomes com história*. Ilustrações de Sandra Serra. Lisboa: Zero a oito, 2015.

PAULINO, Graça. O tempo e o campo do Jogo: onde está a literatura? *IX Jogo do Livro* e *III Fórum Ibero-americano de letramentos e aprendizagens*. Palestra, 26 out. 2011.

PAVIS, Patrice. Da análise de textos ou espetáculo às oficinas de escrita dramática: uma breve reflexão sobre uma longa odisseia. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 8, n. 1, 2018, UFRGS. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/76563. Acesso em: 20.02.2018.

PAVIS, Patrice. *O teatro no cruzamento das culturas*. Tradução de Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PINTO, Margarida Rebelo. *Minha querida Inês*. Lisboa: Clube do Autor, 2019.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *Raízes ibéricas, mouras e judaicas do Nordeste. João Pessoa: EDUFPB, 2002.*

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *Teatro de Lourdes Ramalho: dois textos para ler e/ou montar*. Organização, Apresentação, Notas e Estudos de Valéria Andrade e Diógenes Maciel. Campina Grande: Bagagem; João Pessoa: Ideia, 2007.

RAMALHO, Maria Lourdes Nunes. *Maria Roupa de Palha e outros textos para crianças*. Vol. 1. Organização e Introdução de Valéria Andrade e Ana Cristina Marinho Lúcio. Campina Grande: Bagagem, 2008.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *Teatro [quase] completo de Lourdes Ramalho*. Vol. 1: Teatro em Cordel. Organização, fixação dos textos, estudo introdutório e notas de Valéria Andrade e Diógenes Maciel. Maceió: EDUFAL, 2011a.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *Teatro [quase] completo de Lourdes Ramalho*. Vol. 2: Mulheres. Organização, fixação dos textos, estudo introdutório e notas de Valéria Andrade e Diógenes Maciel. Maceió: EDUFAL, 2011b.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *A Feira; O Trovador Encantado*. Organização de R. Lemaire, Introdução de Lourdes Ramalho, Valéria Andrade e Ria Lemaire, Fixação do texto e notas de Lourdes Ramalho, Valéria Andrade e Diógenes A. V. Maciel. Campina Grande; Coruña: EDUEPB; Biblioteca-Arquivo Teatral Francisco F. Mayor, 2011c.

ROSA, Armando Nascimento. Apêndice: O complexo de Inês. In: _. *O eunuco de Inês de Castro: Teatro no país dos mortos*. Prefácio de Patrícia da Silva Cardoso. Évora: Casa do Sul, 2006. p. 75-86.

ROUXEL, Annie. Ensino da literatura: experiência estética e formação do leitor (sobre a importância da experiência estética na formação do leitor). In: ALVES, José Hélder Pinheiro (org.). *Memórias da Borborema 4: discutindo a literatura e seu ensino*. Campina Grande: ABRALIC, 2014. p. 19-35.

SÁ, Nelson de. Tragédia para criança? *Folha de São Paulo: Folhinha*. 26/04/2014. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2014/04/1445534-tragedia-para-crianca-confira-versoes-infantis-de-shakespeare.shtml. Acesso: 12/12/2015.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. Aquarelas de Arthur Luiz Piza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAMPAIO, Jorge Pereira (coord.). *Comemorações de Inês de Castro em 2005*. Alcobaça: Associação Amigos de D. Pedro e D. Inês, 2006.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação Ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA, Ângelo da. *A história de Inês de Castro*. Ilustração de José Emídio. Leça da Palmeira: Letras e Coisas, 2009.

SILVEIRA, Francisco Maciel. *O caso de Pedro e Inês: Inês(quecível) até o fim do mundo. ABC de literatura*. Ilustrações de Dan Arsky. São Paulo: Kapulana, 2015.

SOMBRA, Fábio. *A história de Inês de Castro ou A Dama Lourinha que, depois de morta, virou rainha*. Ilustrações de Fábio Sombra. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

_____. *A história de Inês de Castro ou A Dama Lourinha que, depois de morta, virou rainha*. Ilustrações de Walter Lara. Belo Horizonte: Compor, 2018.

SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Inês de Castro: um tema português na Europa*. 2ª ed. rev. e actualiz. Lisboa: ACD, 2004.

SOUSA, Maria Leonor Machado de. Inês de Castro: memórias, lendas e o mito. In: COELHO, Maria Helena da Cruz (coord. cient.). *Anais*. Pedro e Inês: O futuro do passado. Congresso Internacional. Coimbra: Associação dos Amigos de D. Pedro e D. Inês, 2012.

SOUSA, Rafael Barros de. *Práticas de leitura e escrita criativas: uma experiência com poesia de cordel e jogo sério na escola do campo*. Monografia (Graduação em Educação do Campo) – Licenciatura em Educação do Campo. Unidade Acadêmica de Educação do Campo. Universidade Federal de Campina Grande, Sumé, 2017.

SOUZA, Aldinida de Medeiros. "Agora é tarde... Inês é morta?". *Preá*: revista de cultura, Natal, ano. 1, p. 42-43, maio 2003.

TEIXEIRA, Ana Margarida Pacheco. *Igualdade de género e prevenção da violência: uma problemática educacional no desenvolvimento local*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade do Porto, Porto, 2015.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. São Paulo: Difel, 2009.

TORRANO, Jaa. O mundo como função das musas. In: HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

TOSCANO, Maria de Fátima Costa. Lições a partir de "Pedro e Inês" – reconversão simbólica da morte (fim inevitável dos viventes) em passagem de requalificação social pelo amor? In: COELHO, Maria Helena da Cruz (coord. cient.). *Anais*. Pedro e Inês: O

futuro do passado. Congresso Internacional. Coimbra: Associação dos Amigos de D. Pedro e D. Inês, 2012. Vol. II, p. 211-213.

VIEIRA, Fátima. Utopia and Utopianism: Utopian Studies Journal, N. 3 (review). *Utopian Studies*, 22 (1):188-190, 2011.

VIEIRA, Fátima. Novas Tecnologias, novas utopias. *Actas do VII Colóquio do Curso de Sociologia - Novas Tecnologias, Utopia e Imaginário*. Braga: Universidade de Minho, 2006, p. 11-27.

VIEIRA, Fátima. A Ilha da Mão Esquerda ou a utopia do amor em Alexandre Jardin. *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*. No. 3, Jun. 2005.

VIEIRA, Fátima. *Saberes Partilhados: O Lugar da Utopia na Cultura Portuguesa*. Famalicão: Quasi, 2006.

VIEIRA, Fátima; CASTILHO, Maria Teresa (Orgs.). *Estilhaços de Sonho: Espaços de Utopia*. Famalicão: Quasi (coleção Biblioteca das Utopias), 2004.

VASQUES, Eugénia. Auto-retrato da Boba ou A noite e o medo. In: GUEDES, Maria Estela. *A Boba: monólogo em três insônias e um despertador*. Britiande: Apenas Livros, 2006. (Coleção Teatro no Cordel 4), p. 5-8.

VENTURA, Isabel. *Medusa no Palácio da Justiça ou Uma História da Violação Sexual*. Lisboa: Tinta da China, 2018.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000

ANEXO

Infográfico do roteiro das atividades do **Inês&Nós** desenvolvidas em Valongo e em Sumé

Regras e Pontuação do Festival de Leituras Inês&Nós.

1. As duplas são formadas necessariamente por um/a participante brasileira/o e um/a participante portuguesa/es.
2. A leitura expressiva de um/a leiator/a brasileiro/a de um texto escrito por um/a integrante português/a (10 UDLs)
3. A leitura expressiva de um/a leiator/a português/a de um texto escrito por um/a integrante brasileiro/a (10 UDLs)
4. Leitura expressiva de um/a leiator/a brasileiro/a de um texto escrito por um/a integrante brasileiro/a (5 UDLs)
5. Leitura expressiva de um/a leiator/a português/a de um texto escrito por um/a integrante português/a (5 UDLs)
6. Todas as leituras devem ser gravadas em áudio com boa qualidade. Para isso a leitura deve ser feita em lugar silencioso e o dispositivo de gravação (telefone celular ou gravador) deve estar perto do leitor.
7. O arquivo da gravação do áudio deve ser enviado para o blog Inês&Nós para validação pela Comissão do Jogo.
8. Serão premiadas as 3 duplas que conquistarem maior número de **UDL (Utopian Declaration of Love).**